



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Ana Cláudia Barros de Matos Barroso

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

A importância da participação parental na vida escolar da criança

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
Área do Estudo do Meio Social

Trabalho efetuado sob a orientação do
Doutor Gonçalo Maia Marques

Outubro de 2013

“(...) É verdade que a família nunca se pôde esquivar à sua condição educadora. Pela sua própria natureza e pela essência do processo educativo, a criança forma-se, em primeiro lugar dentro do contexto familiar que lhe coube em sorte. Mesmo que quisessem, os pais não podem furtar-se a este facto. Para bem ou para mal, formarão ou não os filhos através do estilo de conveniência que estabeleçam, de suas ideias, de seus gestos ... porque a educação é, sobretudo, uma obra de imersão num determinado ambiente e o mais determinante e transcendente para o ser humano é a própria família. (...)”

Garcia (1989:7)

ÍNDICE

Agradecimentos	12
Resumo	14
Abstract	15
Introdução	16
Capítulo I – Enquadramento da PES II.....	18
1.1 Caracterização do meio local	19
1.2 Contexto escolar	20
1.3 Caracterização do espaço físico	23
1.4 Caracterização da sala	24
Capítulo II – Metodologia da investigação	25
2.1 Orientações para o problema e questões/objetivos	26
2.2 Revisão da literatura	29
2.2.1 A dimensão social da Educação	29
2.2.2 A evolução da Família	33
2.2.3 O papel da Família	38
2.2.4 O insucesso escolar	40
2.2.4.1 Causas económicas e culturais da Família do Aluno	41
2.2.4.2 Projeto “A Escola em casa”	43
2.3 Metodologia	44
2.3.1 Características da investigação qualitativa	45
2.3.2 Participantes	47
2.3.3 Instrumentos de recolha de dados	48
2.3.4 Investigação etnográfica com crianças	50

2.3.5 Plano de ação do estudo de investigação	51
Capítulo III – Seleção criteriosa e justificada das planificações	53
3.1 Planificações que contêm atividades relacionadas com o estudo	55
Capítulo IV – Resultados da investigação	63
4.1 1ª Atividade.....	66
4.2 2ª Atividade.....	70
4.3 3ª Atividade.....	73
4.4 Inquéritos	94
4.5 Caracterização socioeconómica da turma e o (in)sucesso escolar	112
4.6 Conclusões	116
4.7 Bibliografia consultada	121
Capítulo V – Reflexão global sobre o percurso realizado na Prática de Ensino Supervisionada (PES I e PES II)	126
Anexos	131

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição total do número de Alunos por sexo.....	20
Gráfico 2 - Local de residência dos Alunos	21
Gráfico 3 - Nível de escolaridade dos Encarregados de Educação.....	21
Gráfico 4 - Situação profissional dos Pais	22
Gráfico 5 - Constituição da Família	23
Gráfico 6 - Distribuição dos participantes por idade e género	47
Gráfico 7 - Relação com a Família mais próxima.....	94
Gráfico 8 - Existência de irmãos	95
Gráfico 9 - Número de Irmãos	96
Gráfico 10 - Percentagem de Pais que brincam com os Filhos	96
Gráfico 11 - Percentagem dos Pais que ajudam nas tarefas da Escola	97
Gráfico 12 - Percentagem de “confiança” das crianças com os Pais	98
Gráfico 13 - Percentagem de reforço positivo dos Pais para os Filhos	99
Gráfico 14 - Percentagem dos Alunos que sabem a profissão dos Pais.....	100
Gráfico 15 - Percentagem de Alunos que gostavam de ser como os Pais	101
Gráfico 16 - Percentagem de alunos que gostavam de ter mais estudos que os Pais.	101
Gráfico 17 - Percentagem de Alunos que tem a noção da profissão dos seus Pais.....	102
Gráfico 18 - Percentagem de Alunos que reconhecem o esforço dos Pais.....	102
Gráfico 19 - Percentagem das Famílias originárias da mesma freguesia que a Escola	104
Gráfico 20 - Percentagem dos Pais que mencionou o motivo que os levou a escolher o CEB como estabelecimento de ensino dos seus educandos/das suas educandas	104
Gráfico 21 - Percentagem de Pais que considera participar ativamente na vida escolar dos Filhos/das Filhas.....	105
Gráfico 22 - Percentagem de frequência de contacto entre os Pais e a Professora....	106
Gráfico 23 - Percentagem de Pais que ajudam com frequência o seu educando/a sua educanda nas tarefas da Escola.....	106
Gráfico 24 - Percentagem dos Pais que consideram importante participar em aticidades pedagógicas na Escola com o educando	107

Gráfico 25 - Percentagem dos Pais que deram sugestões de atividades pedagógicas	108
Gráfico 26 - Percentagem de Pais que admitem participar nas brincadeiras dos Filhos/das Filhas	109
Gráfico 27 - Percentagem dos Pais que se certificam diariamente se o Filho/Filha realizou os trabalhos de casa	110
Gráfico 28 - Percentagem de Pais que consideram a correção do trabalho de casa não só da responsabilidade da Professora	110

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - Brasão de Família da participante 1	74
Imagem 2 - Brasão de Família da participante 2	76
Imagem 3 - Brasão de Família do participante 3	77
Imagem 4 - Brasão de Família do participante 4	78
Imagem 5 - Brasão de Família do participante 5	79
Imagem 6 - Brasão de Família do participante 6	80
Imagem 7 - Brasão de Família do participante 7	81
Imagem 8 - Brasão de Família do participante 8	82
Imagem 9 - Brasão de Família do participante 9	83
Imagem 10 - Brasão de Família do participante 10	84
Imagem 11 - Brasão de Família do participante 11	85
Imagem 12 - Brasão de Família do participante 12	86
Imagem 13 - Brasão de Família do participante 14	87
Imagem 14 - Brasão de Família do participante 15	88
Imagem 15 - Brasão de Família do participante 16	88
Imagem 16 - Brasão de Família do participante 17	89
Imagem 17 - Brasão de Família do participante 18	90
Imagem 18 - Brasão de Família do participante 19	91
Imagem 19 - Brasão de Família do participante 20	92
Imagem 20 - Brasão de Família do participante 21	93

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Plano de ação do estudo de investigação	52
Tabela 2 - Planificação relativa à 1ª Atividade	55
Tabela 3 - Planificação relativa à 2ª Atividade	56
Tabela 4 - Planificação relativa à 3ª Atividade	61
Tabela 5 - Participação da turma nos dados	64
Tabela 6 - Apresentação dos sentimentos identificados pelos participantes.....	68
Tabela 7 - Caracterização socioeconómica dos participantes.....	112
Tabela 8 - Resultados escolares dos participantes.....	113

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Resultados relativos à Freguesia onde se desenvolveu a PES II de acordo com os Censos 2011	19
Quadro 2 - Equipamentos do CEB	23
Quadro 3 - Equipamentos da sala 7	24

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Três exemplos da 1ª atividade	67
Ilustração 2 - Exemplos da 2ª atividade	71
Ilustração 3 - Exemplos de respostas dos Pais à questão	108

LISTA DE ABREVIATURAS

PES: Prática de Ensino Supervisionada

OCEPE: Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

INE: Instituto Nacional de Estatística

TAU: Tipologia de Áreas Urbanas

LBSE: Lei de Bases do Sistema Educativo

PISA: Program for International Student Assessment

NEE: Necessidades Educativas Especiais

CNE: Conselho Nacional de Educação

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais e Irmão,

Por me terem acompanhado sempre, incondicionalmente, em todo o percurso que percorri até aqui. Sem o seu apoio, amor, amizade, compreensão e dedicação acredito que nunca teria conseguido chegar a este patamar. Agradeço todos os seus esforços, quer económicos quer emocionais. Foi por eles que aqui cheguei e foi o significado de Família que incutiram em mim que originou esta investigação. Obrigada por me trazerem à tona sempre que eu tinha tendências para me afogar. Obrigada por acreditarem em mim mesmo quando eu própria não acredito.

À minha Avó materna,

Por todos os seus conselhos, orientações, orações e amor.

À restante Família (Padrinhos, Tios e Primos),

Por toda a amizade, carinho e entreaajuda.

Ao meu Tio Artur (falecido em abril deste ano),

Sem dúvida um grande exemplo de Irmão, Tio, Pai e Avô. Obrigada por toda a amizade e carinho. Guardo sempre todos os bons momentos e o seu sorriso carinhoso e terno. Onde quer que esteja, continue a olhar pela nossa Família.

Ao meu orientador, Doutor Gonçalo Maia Marques,

Por toda a orientação, amizade, paciência e profissionalismo com que me presenteou ao longo deste processo.

A todos os meus Amigos,

Em especial aos que sempre me acompanharam e fazem parte da Família que eu escolhi. Obrigada por me apoiarem, por me ampararem e por me fortalecerem sempre que preciso.

Às minhas Professoras Cooperantes,

Por me terem proporcionado bons estágios na PES I e II e por nos terem tornado (a mim e à minha colega de estágio) suas companheiras e colegas.

Por fim, e não menos importante, à minha colega de estágio de PES I e II,

Com quem nunca tinha trabalhado e com quem gostei bastante de trabalhar. Obrigada pelo apoio, pelo companheirismo, pelo excelente trabalho em equipa e pelo bom ambiente que sempre reinava entre nós.

Agradeço ainda a outras pessoas (que fazem ou que já fizeram parte da minha vida),

E que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta investigação.

RESUMO

O insucesso escolar sempre foi falado, juntamente com as suas causas e estratégias para o combater. A Escola tem um papel importante neste combate, no entanto a Família não pode, nem deve, descurar responsabilidades. O papel educador da Família sempre foi óbvio pois, em primeiro lugar a criança forma-se dentro do contexto familiar e só mais tarde é que é abrangida pelo contexto escolar. Quando a Escola começa também a cumprir papel de educador, muitos pais descuidam-se da sua função, passando a maioria da responsabilidade à Escola. No entanto, os Pais não podem descurar o papel que escolheram para a sua vida; serem Pais e Educadores do/s seu/s Filho/s. Os Pais devem ser parceiros da Escola e assim trabalharem em harmonia pelo crescimento e para o bem-estar dos seus descendentes.

Neste sentido, este estudo tem como tema central a importância da participação ativa da Família nas aprendizagens escolares das crianças, mais concretamente dos 21 alunos que frequentam o 3º ano, ciclo no qual decorreu a minha Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), unidade curricular do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, e de onde advém este relatório.

Este ensaio intitulado “A importância da participação parental na vida escolar da criança” é retratado com os métodos característicos de uma investigação qualitativa e de cariz etnográfico, uma vez que estes vão de encontro aos propósitos e objetivos desta pesquisa e são os que mais revelam uma ação de natureza participante.

Palavras-chave: Família, (in)sucesso, Escola.

ABSTRACT

School failure has always been talked about, along with the causes and strategies to combat it. School has an important role in this battle; however, the Family mustn't, nor should, neglect responsibilities. The educational role of the Family has always been obvious because the child initially takes shape within a family context and is only later covered by a school context. When school also starts to fulfill the role of educator, many parents overlook their function, shifting most of the responsibility on to School. Nevertheless, Parents can't neglect the role they have chosen for their lives; being Parents and Educators of their child/children. Parents should be partners with School and thus work in harmony for the growth and well-being of their posterity.

In this sense, this study is focused on the importance of the active participation of the Family in the children's learning in school, more specifically the 21 students who attend the third grade, the cycle in which took place my Supervised Teaching Practice II (STP II), a course unit of the Masters in Preschool Education and 1st Cycle of Primary Education, and whence comes this report.

This essay, titled "The importance of involving Parents in the school life of the child" is depicted with the characteristic methods of a qualitative and ethnographically oriented research, since they meet the purposes and objectives of this study and are the ones which reveal an action of participant nature the most.

Keywords: Family, (un) successful, school.

INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo principal estudar e revelar a importância da participação ativa dos Pais na vida escolar da criança. Com este estudo pretendo ainda apresentar vários métodos para induzir uma aproximação dos Pais à Escola e demonstrar as potencialidades educativas que a criança pode adquirir com o estreitamento dessa relação.

No decorrer do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico foi-me possibilitado dois estágios, PES I e PES II. Estes, além de me permitirem contactar com as crianças e ser educadora/professora por umas horas, semanalmente, permitiu-me o contacto com a realidade, com o que se passa nas Escolas e com as suas crianças. Foi na PES II, sobretudo, que me deparei com casos que me tocaram e me impressionaram. Confesso que houve um caso em especial que me emocionou. Tratava-se de uma criança de oito anos de idade, que frequentava o 3ºano. Já tinha sido retirada à Família e obrigada a frequentar uma instituição. Esta criança era fruto de uma relação adúltera da sua Mãe com um indivíduo e quando descoberta a verdade, a criança passou a ser “Filho de Pai incógnito” porque a sua Mãe revolveu não revelar a identidade do seu verdadeiro Pai. Esta Mãe que apresentou ao Filho um Pai que na realidade não era o seu, demonstrou sempre não se preocupar com aquela criança nem tão pouco com os restantes Filhos. Negligenciava aquele seu Filho em vários aspetos e a Escola não era exceção. Foi essa criança e a sua curta mas já “pesada” história de vida que me sensibilizou e, no fundo, me revoltou contra aquela Mãe e contra as enormes desigualdades que encontramos na sociedade atual. Talvez esta Mãe seja um (mau) exemplo da sociedade, da crise de valores em que vivemos e no que a instituição da Família se tornou com as grandes alterações que tem sofrido ao longo dos anos. Foi nas primeiras semanas, nas observações, que tive conhecimento deste caso. Quanto mais ia conhecendo mais motivada me sentia para o desenvolvimento deste estudo. Procurei chamar a atenção aos Pais cujo comportamento se identificava a este caso e fiz com que estes percebessem que o sucesso Escolar dos seus Filhos depende do trabalho de cooperação entre todos e não compete apenas à Escola. Baseando-me na Família e nas

suas “obrigações” para com a vida escolar da criança, construí diversos instrumentos de recolha de dados que me permitiram, de modo não intrusivo, perceber a relação existente entre os educandos e as suas Famílias e qual o papel que as mesmas exercem tinha na vida escolar das suas crianças, para posteriormente tentar compreender a sua ligação com o (in)sucesso da criança em estudo. Foi através de observações, notas de campo, entrevistas informais (sobretudo à Professora Cooperante), inquéritos e textos escritos pelos participantes que recolhi as informações que considere mais pertinentes para este estudo. A recolha de dados e os restantes elementos fazem com que este estudo seja característico de uma investigação qualitativa e uma vez que aborda as culturas das Famílias, o comportamento dos participantes no contexto habitual e é constituído por uma análise interpretativa dos dados também deve ser considerado um pequeno ensaio de uma investigação etnográfica com crianças.

Desejo que o presente estudo seja impulsionador de outros estudos e que, juntos, mudem mentalidades e façam pesar a consciência de Pais que, tal como aquela Mãe que motivou este estudo, negligenciam os seus descendentes.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO DA PES II

Neste capítulo irá apresentar-se a caracterização do contexto no qual decorreu a PES II, abordando aspetos como o contexto educativo e a caracterização, quer do meio local no qual se insere a instituição quer a caracterização dos alunos participantes no estudo. Desta forma, darei a conhecer um pouco do local onde ocorreu a PES II, as condições e recursos.

1.1. Caracterização do meio local

A PES II decorreu numa freguesia do concelho de Viana do Castelo, com um total de população residente de 3927 pessoas (como podemos ver no Quadro 1). A localidade distancia-se da sede do concelho cerca de 15 quilómetros.

Quadro 1 - Resultados relativos à Freguesia onde se desenvolveu a PES II de acordo com os Censos 2011

População Residente Total	População Residente Homens	População Residente Mulheres	População Presente Total	População Presente Homens	População Presente Mulheres	Famílias	Alojamentos	Edifícios
3927	1874	2053	3745	1778	1967	1371	1854	1660

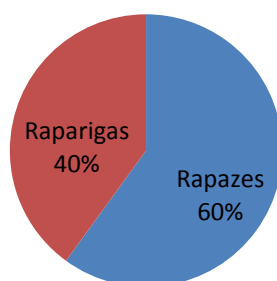
Fonte: Censos 2011 (INE)

Segundo o INE e a nova TAU, podemos dizer que Centro Escolar, no qual decorreu a Prática de Ensino Supervisionada II, situa-se numa freguesia semiurbana pois a população residente é superior a 2000 habitantes e inferior a 5000 habitantes. Sendo uma área predominantemente urbana, nela se destacam as seguintes atividades económicas: serralharia, metalomecânica, transformação de madeira, indústria têxtil, construção civil, comércio e pequena agricultura. Além de ser considerado um centro agrícola, caracteriza-se também por uma significativa presença industrial, nomeadamente, cerâmica.

1.2. Contexto escolar

O Centro Escolar trata-se de um edifício relativamente recente, pois foi inaugurado em 2005. Reúne crianças de várias freguesias vizinhas tendo, este ano, cerca de 180 alunos. A informação que se segue resulta de um levantamento de dados realizado na instituição, com a ajuda da Professora Cooperante e de outros membros da Escola. Começo por apresentar a distribuição total dos Alunos por sexo:

Gráfico 1 - Distribuição total do número de Alunos por sexo



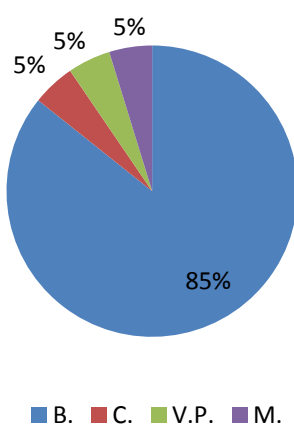
A sala 7 é, atualmente, constituída por um grupo de 20 crianças, sendo que 12 são rapazes e 8 são raparigas. Inicialmente, a turma era constituída por 21 Alunos. No entanto, uma Aluna não regressou à Escola depois das Férias do Natal, pois fortes motivos a nível familiar levaram a que a criança fosse transferida para parte incerta. Esta criança era de etnia cigana, por parte da Mãe. Demonstrou sempre grande vontade de aprender e ultrapassar as suas dificuldades. Socialmente, com os colegas, demonstrava integrar-se bem, pois tinha uma convivência com eles bastantes positiva. Subsiste, ainda, um caso que desperta grande preocupação: um Aluno que é Filho de Pai incógnito e não recebe da parte da Mãe os melhores cuidados - tendo sido, inclusive, por uma vez, retirado à sua Família e internado numa instituição. Todas estas situações em nada favorecem a criança e a sua estabilidade.

A turma, em geral, é bastante interessada em aprender e adquirir novos conhecimentos. Todos os Alunos sempre demonstraram vontade em participar e trabalhar nas tarefas que lhes foram propostas. Relativamente ao comportamento, as

regras eram cumpridas pela turma quer dentro ou fora da sala de aula. Contudo, esporadicamente, verificava-se um comportamento mais desadequado por parte de um elemento.

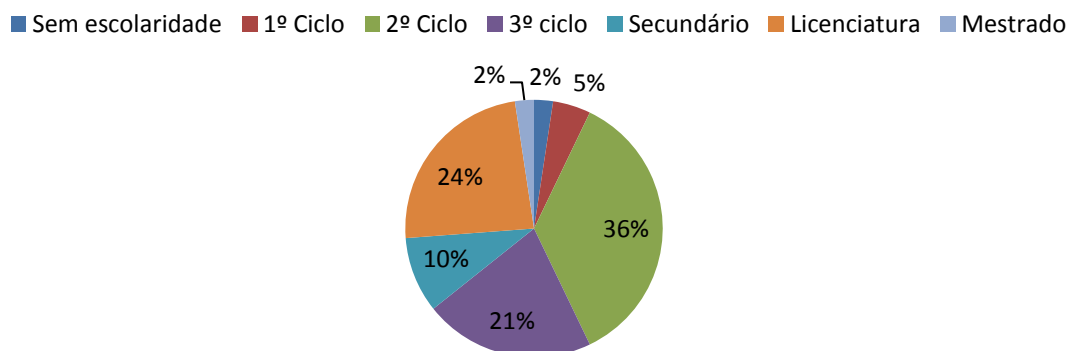
No que diz respeito à caracterização social, cultural e económica da turma, no geral, devemos ter em conta os seguintes dados:

Gráfico 2 - Local de residência dos Alunos



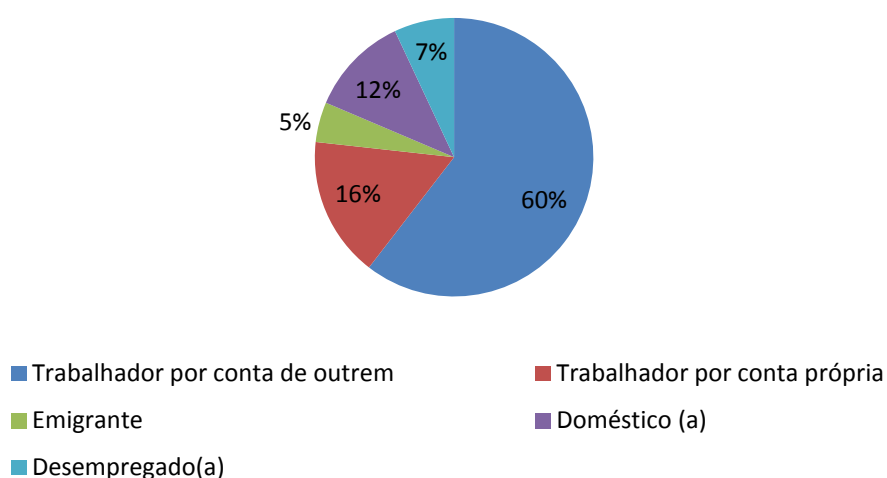
Analisando o Gráfico 2, podemos concluir que a grande maioria dos Alunos são oriundos da freguesia de B. e os restantes das proximidades. Há a exceção de um Aluno, que é obrigado a um maior deslocamento (dos arredores da cidade de Viana do Castelo), pois o local de trabalho dos Pais fica perto do Centro Escolar.

Gráfico 3 - Nível de escolaridade dos Encarregados de Educação



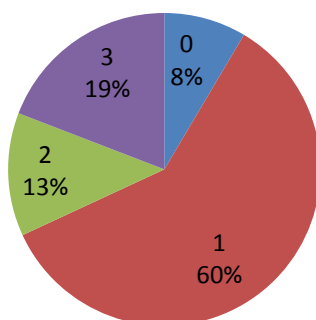
Analisando o Gráfico 3, relativamente à escolarização dos Pais, podemos dizer que apresentam bons índices de escolarização e de qualificações académicas. Alguns possuem graus académicos como Licenciatura e Mestrado. Existe apenas um caso sem alfabetização, pois o Encarregado de Educação é de etnia cigana e não dá prioridade aos estudos.

Gráfico 4 - Situação profissional dos Pais



Analisando o Gráfico 4, relativamente à situação profissional dos Pais, concluímos que a grande maioria está empregada, seja por conta de outrem ou por conta própria. Verifica-se o caso de um casal de Pais emigrado e uma taxa de 7% de desemprego.

Gráfico 5 - Constituição da Família



Analisando o Gráfico 5, podemos concluir que o grupo de Alunos provém de Famílias pouco numerosas, tendo a maioria apenas um Irmão/Irmã.

1.3. Caracterização do espaço físico

No que diz respeito ao Centro Escolar de B.(CEB) este recebe crianças dos 3 até aos 9 anos de idade. Nas suas instalações encontram-se o Jardim de Infância e o 1º Ciclo do Ensino Básico da Vila de B.

O edifício do CEB constitui-se por dois pisos. No primeiro piso é possível encontrar os seguintes equipamentos:

Quadro 2 - Equipamentos do CEB

• Hall de entrada;	• Sala dos computadores;
• Cantina;	• Biblioteca Escolar;
• Sala dos professores;	• Polivalente.

Nele existem também três salas; uma onde funciona o Jardim de Infância e duas onde é lecionado o 1º ano do 1º CEB. No segundo piso existem sete salas onde lecionam os 2º, 3º e 4º anos do 1º CEB. Subsiste ainda uma sala multimédia composta por algumas mesas e um quadro interativo. Apenas as duas salas do 4º ano é que

possuem quadro interativo. Há ainda um pequeno anexo onde se encontram vários materiais das diversas áreas para o apoio às aulas.

1.4. Caracterização da sala

O espaço pedagógico no qual decorreu a PES II foi a sala 7 do CEB. Esta localiza-se no segundo piso do edifício do mesmo.

Na sala sete encontram-se os seguintes equipamentos:

Quadro 3 - Equipamentos da sala 7

• Um quadro branco;	• Dois cabides;
• Um quadro de cortiça;	• Um computador;
• Dois armários;	• Uma secretária;
• Um balcão equipado com torneira;	• Várias mesas e cadeiras.

Depois de dar a conhecer o enquadramento no qual decorreu a minha PES II, apresento toda a metodologia que envolveu esta investigação. Segue-se, então, o Capítulo II.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo apresentar-se-á toda a metodologia da investigação. Começo por clarificar qual o problema e as questões pertinentes à investigação que orientaram todo o trabalho desenvolvido. Segue-se a revisão da literatura, através da qual pude aumentar os meus conhecimentos quanto à dimensão social da Escola, as transformações que tem sofrido a Família com o tempo, o papel da Família na Educação e o insucesso escolar. Foram o problema e a revisão da literatura que me ajudaram na escolha da metodologia, também aqui apresentada. Utilizei uma metodologia de investigação qualitativa em Educação pois é rica em detalhes e pormenores relativamente aos participantes, o que era importante para este trabalho (Sari Biklen e Robert Bodgan, 1994:16). Como ferramenta fundamental de trabalho pedagógico utilizei a observação participante, notas de terreno, inquéritos e entrevistas (semiestruturadas) – correspondendo o trabalho empírico no terreno ao uso da investigação-ação.

Estamos perante um estudo que poderá ser considerado um pequeno ensaio etnográfico no campo da Educação, pois compreendeu a cultura organizacional da instituição e os seus valores educativos, através do contacto com a Comunidade (Graue e Walsh, 2003).

2.1. Orientações para o problema e questões/objetivos

“(...)A definição do problema de investigação é uma das fases fundamentais de um projeto de investigação, porque: Centra a investigação numa área ou domínio concreto; Organiza o projeto, dando-lhe direção e coerência; Delimita o estudo, mostrando as suas fronteiras; Guia a revisão da literatura para a questão central; Fornece um referencial para a redação do projeto; Aponta para os dados que será necessário obter.”

Sousa&Baptista (2011:28)

Numa investigação o problema, por ser a parte mais importante e o fio condutor do que o investigador prova e/ou desenvolve, deve partir dos seus desejos e ir ao encontro da sua experiência de vida. Por isso escolhi Meio Social por ser a Área Curricular

com a qual mais me identifico. Acredito na importância desta Área na mudança e sucesso do Ensino no nosso País.

Porque a Educação *“não é um projeto delimitado no tempo, mas antes um processo intemporal em que todos participamos como protagonistas, seja como pais, como estudantes, como professores ou como educadores (...)”* (Grilo, 2010) é fulcral a investigação empírica. Cada aluno é um ser único, as gerações vão evoluindo e é necessário acompanhá-las. É importante reconhecer os alunos como uma coletividade mas não esquecer que cada aluno é um ser individual, com a sua cultura, sociedade e meio familiar. Penso que através da observação e experiência é possível proporcionar mudanças significativas nas práticas que influenciarão positivamente as concepções dos Alunos. Verificar e compreender o que leva os Alunos a fracassarem e não atingirem as Metas de Aprendizagem pode ajudar no combate ao insucesso escolar. Não há nada como estar no terreno, conhecer cada “decalque”, perceber a sua origem e arranjar soluções.

“(...)Ninguém investiga bem um assunto de que não gosta;(...)

Sousa&Baptista (2011:19)

Foi exatamente tendo em conta este aspetos que escolhi como tema principal a Família. Tal como a minha Família foi importante em todo o caminho que percorri até aqui, a todos os níveis, queria compreender e mostrar que a Família é importante no processo escolar e não só pode, como deve, trabalhar em parceria com a Escola.

Como forma de orientar o meu trabalho coloquei o problema em forma de interrogação, pois a intenção é ter uma resposta, tal como todas as interrogações. Uma boa pergunta de partida levará o investigador a compreender e encontrar uma explicação para o seu problema, tal como apontam Raymond Quidvy e Luc Van Campenhoudt (2008) (citados por Sousa&Baptista, 2011)

O tema do insucesso escolar é, além de recente, recorrente. No entanto, não é uma fatalidade. No sucesso do Aluno podemos dizer que subsistem quatro intervenientes: A Escola em geral; O Professor, A Família e o Aluno. Estes quatro intervenientes devem funcionar em harmonia, tendo em vista o sucesso do Aluno.

Porém, é importante perceber qual o papel social da Escola e qual o papel da Família (que tem sofrido grandes alterações na sua estrutura ao longo dos tempos) para perceber de que forma poderão contribuir para o sucesso dos Alunos.

Tendo em conta esta linha de orientação, a pergunta de partida/questão central da investigação/problema que impulsionou este estudo foi:

Quadro 4 – Pergunta de partida/questão central da investigação/problema

De que forma podem os Pais serem parceiros da Escola na consolidação das aprendizagens?

No decorrer deste estudo, a questão de partida, desdobrou-se em três questões subsidiárias, às quais pretendo igualmente dar resolução no decurso da investigação:

Quadro 5 – Questões subsidiárias

1. *Será importante uma participação ativa dos Pais na vida escolar do Filho?*
2. *Como se poderão aproximar os Pais da Escola?*
3. *Que potencialidades educativas apresentam a relação Escola-Família?*

Para iniciar a minha investigação, e perceber se era viável, fiz uma pesquisa na literatura especializada. Quis começar por perceber o papel social da Escola, pois é o meio que os Alunos necessitam para obter o sucesso pretendido e, por isso, é um dos intervenientes com um papel bastante relevante. Em seguida procurei entender a Família, as grandes alterações que sofreu ao longo dos tempos e quais os seus deveres na Educação dos Filhos.

Por fim, mas não menos importante, pretendi inteirar-me do que era então o insucesso escolar e as suas causas. O insucesso escolar tem causas de várias origens, mas como a minha investigação se foca mais na Família e no seu papel apenas me foquei nas causas influenciadas por ela.

De seguida vamos então, ver os resultados dessa pesquisa.

2.2. Revisão da Literatura

De seguida, irá realizar-se uma apresentação dos principais conceitos teóricos no desenvolvimento deste trabalho. Procurar-se-á perceber de que forma é importante a relação Família-Escola para a criança e quais os benefícios do envolvimento parental no processo de ensino-aprendizagem do educando em contexto escolar. Esta revisão será desenvolvida de forma selecionada, tendo em conta os vetores fundamentais do estudo.

2.2.1. A dimensão social da educação

“São muitos os jovens que, no momento de crise que atravessamos, não acreditam no valor da educação como instrumento para fazer face a um futuro tão incerto. A importância do investimento na educação não deve ser colocada em causa, antes é necessário tudo fazer para desenvolver a responsabilidade social por este sector e para que o país acredite cada vez mais na sua pertinência.”

Relatório do Conselho Nacional de Educação “Estado da Educação 2012.
Autonomia e Descentralização” (2012:8)

A crise que tem afetado o nosso País (e também o resto do Mundo) já há muito que não é novidade, pois é abertura e capa de muitos jornais. Tornou-se notícia de todos os dias e todos os dias parece que surge mais um entrave para a sua dissolução. O crescente desemprego tem levado à descrença dos jovens na Educação. Segundo o *site Dinheiro Vivo*¹, em maio deste ano eram cerca de 148,1 milhões de desempregados com curso superior. Ora, estes resultados em nada ajudam a crença na Educação. Com as estatísticas que se verificam são cada vez mais os jovens que questionam se vale/compensa realmente estudar, tirar um curso superior ou profissional para ir para o desemprego. Contudo, é importante que se acredite que vale a pena e não desanimar. A

¹ INE. Taxa de desemprego sobe para valor recorde de 17,7%. *Dinheiro Vivo*. [online] (s.d.) [citado 2013-07-05]. Disponível em: <<http://www.dinheirovivo.pt/Economia/Artigo/CIECO156410>>.

Educação precisa de motivar os jovens, de fazer com que estes vejam que, como diz o povo, *“O saber não ocupa lugar”*. Sempre ouvi dizer que *“mais vale ter uma boa bagagem do que nenhuma”*. Após ler uma entrevista de Ana Benavente à Revista Lusófona de Educação (2010)² constatei que os meus pensamentos vão de encontro aos seus, vejamos: *“Sociedades mais educadas devem ser sociedades capazes de atenuarem desigualdades, de encontrarem novas - e mais inteligentes - soluções para os problemas. Mais cidadania, mais conhecimento, mais inteligência social podem proteger-nos contra os novos “deuses” castigadores que se transformam em monstros impossíveis de aplacar: os “mercados”, a “economia”, a “competitividade” e outros tantos.”* (Benavente, 2010)

A união faz a força e como é sabido a Educação de um cidadão exige o envolvimento de várias pessoas, instituições e entidades. Estes diversos organismos desenvolvem, tanto a nível formal como informal, discursos e práticas educativas:

- a) *“Dentro da instituição escolar os professores e os alunos encontram-se diretamente envolvidos na relação educativa;*
- b) *Fora da instituição escolar e acima dela encontramos uma série de entidades que intervêm também na educação escolar (...);*
- c) *Ao lado da instituição escolar poderemos ainda referir várias entidades que intervêm ou influenciam a educação: a família, a Igreja, os partidos políticos, os sindicatos de professores, os meios de comunicação social, enfim todos aqueles que discutem, criticam e pressionam ou sugerem políticas educativas ou modelos concretos de educação escolar.”*

Fernandes, António S. (1991:23-24)

Como havia referido acima, e como agora podemos constatar, a Educação de uma criança implica, realmente, a intervenção de várias pessoas e instituições.

² A Educação na luta contra a exclusão e pela democracia: Manuel Tavares conversa com Ana Benavente. *Rev. Lusófona de Educação* [online]. 2010, n.16 [citado 2013-07-06], pp. 133-148 . Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502010000200011&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1645-7250.

Segundo o Relatório do Conselho Nacional de Educação *“Estado da Educação 2012. Autonomia e Descentralização”*, *“(...) as narrativas que nos chegam através dos membros do Conselho Nacional de Educação e de responsáveis por instituições educativas, com os quais tentamos dialogar em permanência, causam-nos profundas preocupações. Não podemos deixar de assinalar, designadamente, as dificuldades de alunos e famílias, a insegurança vivida pelos professores e técnicos de educação, a diminuição dos recursos financeiros, a dificuldade de integração, num tempo muito curto, de um número significativo de mudanças que foram sendo introduzidas.”* (Relatório do Conselho Nacional de Educação *“Estado da Educação 2012. Autonomia e Descentralização”*, 2012:6). Nos tempos que correm, as dificuldades crescem a todos os níveis. A Educação não é exceção e são várias as dificuldades que surgem e diversos níveis. Contudo, parece-me que essas dificuldades atingem, sobretudo, as crianças e jovens. São eles, e o futuro deles, que sofrem com a falta de recursos quer humanos quer materiais. É importante, senão fulcral, investir na Educação e não negligenciá-la, mas rejuvenescê-la e fortalecê-la. Para mim, o futuro de um País está encarecidamente dependente da Educação fornecida às suas crianças e jovens.

“É inquestionável que as pessoas constituem a maior riqueza de um país, razão pela qual a educação deve proporcionar a cada criança, cada jovem ou cada adulto as condições para o desenvolvimento dos seus talentos.”

Relatório do Conselho Nacional de Educação *“Estado da Educação 2012. Autonomia e Descentralização”* (2012:6)

Se as pessoas são a riqueza de um país, o que cada um tem para oferecer (o seu talento) pode ser a pepita de ouro e, como se costuma dizer *“Grão a grão enche a galinha o papo”*. Não é necessário investir tudo de uma vez, a Educação é um processo contínuo e intemporal. Se, a pouco e pouco, forem dadas condições para não só crianças e jovens mas também adultos se desenvolverem e enriquecerem os seus talentos e se escolarizarem com qualidade e rigor, o País irá crescer e tornar-se mais rico em pessoas cultas, que podem ajudar o País a chegar mais longe - a abrir portas para o mundo e a expandir o que de melhor têm. Investir na Educação é investir no futuro. Como refere o CNE *“(...) a aposta na educação e qualificação deveria constituir uma prioridade, um modo de*

quebrar o isolamento e dar mais atenção às pessoas e ao desenvolvimento e valorização dos seus saberes. Contribuiria seguramente para combater o desânimo, sobretudo onde existam situações dramáticas do ponto de vista individual, familiar ou comunitário.” (Relatório do Conselho Nacional de Educação “Estado da Educação 2012. Autonomia e Descentralização”, 2012:10). Além de contribuir para a qualificação das pessoas, também tem uma consequência positiva: ajuda a combater a solidão, a desmotivação e aumenta a autoestima. Tenho verificado que há cada vez mais pessoas reformadas e adultos que procuram formação. Muitos, como é o caso dos reformados, não pretendem obter formação para entrar no mercado de trabalho, mas sim aumentar o seu conhecimento e combater a solidão.

É igualmente importante, e porque não somos todos iguais e vocacionados para a mesma área dar soluções aos que não nasceram com a vocação para frequentar uma Escola; ou para aqueles que, devido aos infortúnios da vida tiveram de abandonar a escolarização precocemente. Segundo a LBSE (2005), é obrigação do Estado garantir que todos tenham igualdade no acesso à educação e cultura, promovendo a democratização do ensino (LBSE, 2005:1). Pode-se afirmar que não são as crianças/jovens/adultos que se têm de moldar à educação, mas sim o inverso. A Educação deve ter em conta a pessoa, as suas dificuldades, as suas qualidades e talentos:

“A Escola, nos anos 60, era vista como o grande instrumento de que a sociedade dispunha para assegurar a igualdade de oportunidades entre os seus cidadãos. Nesta perspectiva, a escola era encarada como o local onde se poderia assegurar uma igualdade de oportunidades de aprendizagem, mas também como sector de atribuição de recursos.”

Pinto, Conceição A. (1995:39)

Desde sempre que se vê a Escola como elemento estabilizador de igualdade entre cidadãos. Na Escola as pessoas não deveriam ser diferentes de ninguém (independentemente do seu estatuto social) e ter acesso a iguais oportunidades de ensino e aprendizagem. Contudo, um estudo realizado por J. Coleman, em 1965, atendendo a um pedido do Congresso Americano, concluiu que as diferenças que existem entre os grupos sociais não só têm tendência a manterem-se, como ainda se podem

agravar. Todavia, a Escola ensina a criança a agir, a pensar, a conviver e interagir com os outros de um modo adequado.

Para Durkheim, citado por Kimi Tomizaky, *“A educação é a acção exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social.”* (Tomizaky, 2010). Esta definição conjectura que a Educação é um movimento que parte dos adultos e tem como finalidade os jovens e como base não só a formação do indivíduo (inteligência, carácter e aptidões), mas também a sua socialização. Sendo assim, podemos dizer que a Educação é uma ação de todos para todos, pois não se centra apenas num indivíduo. A LBSE transmite os objetivos da Escola, os quais foram formulados para todos os diferentes ciclos de ensino e de uma forma globalizante - não discriminando pessoas, estatutos ou classes sociais.

A sociologia da ação da Escola exige-lhe uma alteração da sua interpretação da diversidade que acolhe. Existem alunos com mais capacidades do que outros, assim como existem alunos com melhores enquadramentos familiares que outros, isso é certo. Contudo, a Escola deve, e tem, de agir conforme esta diversidade. É necessário compreender o que se passa para agir em conformidade.

2.2.2. A evolução da Família

*“A grande **diversidade de famílias** e formas de agregados familiares tornou-se um traço distintivo das sociedades atuais.”*

Cachadinha (2009)

Mudam-se os tempos, mudam-se as Famílias.

Com a globalização, têm-se verificado várias mudanças significativas nos padrões das Famílias. Por isso, comparar as Famílias de hoje com as Famílias de gerações anteriores seria um erro crasso.

O conceito de Família foi-se alterando: em primeiro lugar, houve uma grande alteração na dinâmica familiar - não só no nosso País, como na maioria dos Países

Ocidentais; em segundo lugar, *“a grande diversidade de famílias e formas de agregados familiares tornou-se um traço distintivo das sociedades atuais.”* (Cachadinha, 2009). Verificam-se muitas mudanças no seio das Famílias, tais como: novas conceções do matrimónio, o papel da mulher na sociedade mudaram drasticamente e a redução do número dos filhos.

Segundo Cachadinha (2009), nos dias que correm, as pessoas veem menos hipóteses de se casarem, sobretudo no sentido tradicional. Muitas pessoas optam pela coabitação antes do casamento ou mesmo em sua vez. Os elevados números de casamentos de outros tempos deram lugar ao aumento do número de divórcios que, consequentemente fez aumentar o número de famílias monoparentais. Estas famílias monoparentais darão lugar a famílias recompostas.

Na minha opinião, as mudanças nas Famílias devem-se, sobretudo, à crença nas relações. A haver “culpa”, esta está nas pessoas. Hoje em dia é difícil crer em algo, sobretudo nas pessoas. Foram elas que mudaram as Famílias; que mudaram com o tempo; que, uma vez ou mais magoadas, deixaram de crer nas relações. Pessoas deixaram de crer em pessoas. Em qualquer relação - seja ela amorosa, familiar, profissional - tem como ponto fulcral a confiança. Há tempos li “Frágil” de Jodi Picoult (2009), onde tive conhecimento da Osteogénese Imperfeita, vulgarmente conhecida como “a doença dos ossos de vidro”. Atrevo-me a comparar a confiança a essa doença, como se a confiança que estabelecemos com as pessoas fosse “ossos de vidro”. À mínima “queda” algo se quebra - magoa, dói, exige uma recuperação. Todos nós já tivemos, pelo menos, uma experiência em que “os ossos de vidro” se quebraram e, sabemos perfeitamente que, muito dificilmente volta a ser o que era. E, pior, é difícil voltar a confiar seja em quem for. É esta quebra que leva à descrença nas pessoas. Concluindo, a confiança é um jarro de vidro; se alguém a quebra (sem querer, ou de propósito) por mais que se ponha cola, o jarro nunca mais volta a ser o que era, a ter o aspeto que tinha. Podemos dizer que as relações hoje em dia são mais dependentes e mais exigentes: na confiança, na colaboração, na comunicação, no empenho, entre os intervenientes.

Segundo Cachadinha (2009), a Família é *“um grupo de pessoas unidas directamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças.”*. Na grande parte das sociedades a constituição das Famílias é hoje, maioritariamente,

nuclear. Entende-se por Família nuclear, uma Família pequena composta por um casal e um/dois filhos biológicos ou adotados. Esta constituição traz mais vantagens para as crianças, pois existe uma maior possibilidade de dar mais atenção individual à criança. Contudo, quando falamos de uma Família extensa, em que três ou mais gerações residem na mesma habitação ou em habitações muito próximas, podemos dizer que esta é menos vantajosa para a criança, pois segundo Garcia (1983) à medida que a Família vai aumentando, as relações vão-se complicando e estendendo.

Existem sociólogos que têm estudado a Família e a vida familiar com posições teóricas bastante diferenciadas. Os sociólogos que trabalham na abordagem funcionalista acreditam *“que a família nuclear desempenha papéis especializados nas sociedades modernas. Com a industrialização, a família tornou-se menos importante enquanto unidade de produção económica, acentuando o seu papel na reprodução, procriação e socialização”* (Cachadinha, 2009). Digamos que, segundo esta abordagem, a industrialização foi o mote da mudança do papel da Família na sociedade. Passou a ter um papel mais social e menos económico. *“(…)Para simplificar, poderemos dizer que, antes da revolução industrial, existe uma massa camponesa cujos modelos familiares, se bem que diversos, se organizam em função dos modos de produção nas explorações industriais, dos tipos de actividades agrícolas, das práticas de herança, ao lado de uma pequena percentagem de famílias aristocráticas e burguesas. Após a revolução industrial – e por um período aliás relativamente curto que terminará com a emergência de um modelo bastante uniforme de família (...) desenvolve-se uma grande variedade de tipos familiares, tão diversos quanto as hierarquias do trabalho.”* (Burguière, Klapisch-Zuber, Segalen & Zonabend, 1986:7-8).

Segundo o funcionalista T. Parsons (Cachadinha, 2009), a Família tem duas grandes funções: em primeiro lugar, a socialização primária, isto é, a Família ensina à criança as normas culturais da sociedade onde esta nasce; em segundo lugar, e sequencialmente, a estabilização da personagem, consiste na assistência emocional pela Família aos membros adultos da Família. Numa perspetiva bastante conservadora, T. Parsons (Cachadinha, 2009) *“enfatizou a importância da especialização de papéis dentro da família: reservando para o marido o papel instrumental e para a esposa o papel de suporte emocional e afectivo”*. Em finais do século XIX, várias instituições com ao Igreja, o Estado, o patronato e as associações de caridade induziram as Famílias a uma reestruturação do

modelo familiar, tendo em consideração as normas das classes burguesas. Esta reestruturação implicava, então, a divisão sexual das tarefas e uma maior atenção que tinha de ser dada aos filhos e ao lar. Contudo, esta visão apresentada da Família é hoje considerada *“inadequada e datada”* (Cachadinha, 2009). As justificações dadas pelos funcionalistas relativamente à divisão sexual das tarefas foram fortemente criticadas como tendo de ser *“algo natural e consensual”* (Cachadinha, 2009). Esta abordagem (funcionalista) põe de parte o papel de outras instituições na socialização das crianças. Em meados do século XX a formação da Família estava restrita às orientações sociais e religiosas. Os divórcios eram mínimos, ou mesmo nulos, a divisão sexual das tarefas no seio das Famílias estava solidificada. Todavia, com a crescente melhoria de vida, os pais passaram a preocupar-se mais pela Educação e bem-estar dos filhos. *“Enfim, a forma de família, preconizada pela Igreja católica desde há muitos séculos, pela burguesia do século XIX e mais perto de nós por T. Parsons e R. Bales, parecia finalmente triunfar um pouco por todo o lado.”* (Leandro, Maria E., 2001:15). Esta aparente pacificação foi revogada pelas grandes transformações que ocorreram em meados dos anos sessenta. E, desde então, todas as grandes transformações que se vão introduzindo em redor da Família fazem inverter esta tendência. Mudaram-se as mentalidades, que aderiram às modernidades. Nos anos 70 houve uma grande alteração na estrutura familiar que influenciou até aos dias de hoje: a alteração da condição feminina. Em todos os países europeus as mulheres regressam à atividade profissional. Não seria algo novo, pois a mulher já tinha mostrado a importância do seu papel no processo de produção operário. Porém, a novidade reside na entrada no mercado de trabalho das mulheres de classe média que, até então, ficavam em casa, restringidas ao lar e aos filhos. Foram os grandes avanços na Medicina que em muito contribuíram para este facto.

“A partir do momento em que as mortes por parto, bem como todas as doenças directamente relacionadas com o corpo feminino, sofreram um decréscimo considerável, a mulher pôde libertar-se do que era vivido como a maldição natural do seu corpo. A contracepção evitava-lhe as gravidezes demasiado numerosas, enquanto os progressos da medicina limitavam a mortalidade infantil.”

Burguière, Klapisch-Zuber, Segalen & Zonabend (1986:29)

Hoje em dia isto parece-nos tão normal que nos esquecemos que é algo relativamente recente (cerca de quarenta anos). Foram estes benefícios dos progressos da Medicina, que permitiram às jovens o direito a uma melhor Educação, que aos poucos se foi igualando à dos rapazes. Não há dúvidas de que o aumento do trabalho feminino provocou uma reviravolta na estrutura familiar, nomeadamente no modelo do casal. Entrando no mercado de trabalho assalariado a mulher ganhou consecutivamente mais independência; ganhar o seu próprio dinheiro deu à mulher a oportunidade de renunciar à vida de casada, caso não fosse do seu agrado.

“O salário altera profundamente a imagem tradicional da mulher duplamente dominada pelo homem, que trazia o dinheiro e era responsável – devido às técnicas tradicionais de controlo da natalidade – pela concepção dos filhos.”

Burguière, Klapisch-Zuber, Segalen & Zonabend (1986:30)

É nesta altura que se dá uma grande reviravolta nas relações. As pessoas deixam de formar uniões devido aos fatores económicos e passam a formar baseados no que nutrem um pelo outro, num ideal romântico de amor. Além do casamento, passou a haver também a coabitação; isto é, as pessoas juntam-se por tempo indeterminado sem o “compromisso” do casamento. Não é segredo nenhum que a instituição do casamento tem mudado de significado nos tempos que correm. A sua finalidade já não é para todas as pessoas até que a “morte os separe” mais sim “enquanto der”. Por norma, quando um casal se junta culmina em casamento, mas nos últimos tempos não tem sido assim. As pessoas apenas coabitam, sem ter o matrimónio como objetivo ou finalidade. Existe uma outra predisposição para a rutura de um casamento, muito contrária a antigamente. Se o dia-a-dia do casal não for de encontro aos seus projetos de felicidade, a duração do casamento poderá ser posta em causa.

Estas transformações nas relações provocaram com o passar do tempo alterações nos modelos de família.

2.2.3. O papel da Família

“(...) É verdade que a família nunca se pôde esquivar à sua condição educadora. Pela sua própria natureza e pela essência do processo educativo, a criança forma-se, em primeiro lugar dentro do contexto familiar que lhe coube em sorte. Mesmo que quisessem, os pais não podem furtar-se a este facto. Para bem ou para mal, formarão ou não os filhos através do estilo de conveniência que estabeleçam, de suas ideias, de seus gestos ... porque a educação é, sobretudo, uma obra de imersão num determinado ambiente e o mais determinante e transcendente para o ser humano é a própria família. (...)”

Garcia, Helena S. & Paulo, Maria L. (1990:7)

A Família tem, como é sabido, um papel fundamental na educação da criança. Desde a idade pré-escolar que a participação ativa da Família no percurso escolar da criança é evidenciada. Segundo as OCEPE (1997) importa que haja uma relação entre a Família e a instituição escolar, uma vez que contribuem para a formação integral da criança.

“(...) A relação com cada Família, resultante de pais e adultos da instituição serem co-educadores da mesma criança, centra-se em cada criança, passando pela troca de informações sobre o que lhe diz respeito, como está na instituição, qual o seu progresso, os trabalhos que realiza ... (...)”

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:43)

Felizmente, a relação Família-Escola tem sofrido uma evolução favorável ao longo dos tempos: *“(...) Na actualidade existe uma maior consciência participativa, que se traduz numa relação pais-escola cada vez mais forte.(...)”* (Diez, 1998:7). Contudo, apesar desta evolução favorável, existe ainda uma indiferença que, segundo Diez (1998), se verifica entre pais com filhos mais velhos, e os de mais alta e mais baixa posição socioeconómica; contrariamente existem também pais que têm demasiada consciência da sua função participativa, acabando por se intrometerem em assuntos escolares que não lhes dizem respeito.

Segundo Diez (1998), a relação Família-Escola tem tido uma crescente evolução resultante de várias causas, nomeadamente “(...) o sentido que a sociedade actual tem da responsabilidade educativa que compete aos pais na educação integral dos filhos, (...) a consciência, cada vez mais vincada, de que a educação é um fenómeno complexo que necessita da acção combinada de muitos educadores. (...) a existência de uma maior sensibilidade, em todos os espaços institucionais da sociedade, para exigir a participação como um direito. (...) o ordenamento jurídico vigente, que permite e regula a participação das pessoas e grupos na vida das escolas. (...)” (Diez, 1998:8-9).

Efetivamente, a relação Pais-Escola é vital para a educação das crianças. No entanto, é importante perceber o verdadeiro sentido desta relação. Em várias situações, entende-se esta relação como um diálogo acerca da evolução escolar dos filhos ou a participação em reuniões para as quais os pais são convocados. Mas, a relação Pais-Escola é muito mais do que isto. É necessário que tanto os Pais como a Escola se foquem no mesmo sujeito, o educando. Ambas as partes devem fazer por estarem presentes nos diferentes aspetos que formam a criança e a tornam um ser único e diferenciado: “(...)Família e escola têm, na educação da criança, um lugar de encontro, de acção e relação coordenadas. A acção educativa dos pais e da escola pode ser coincidente ou complementar, em todas as dimensões da pessoa, segundo os aspectos que importa educar em cada caso concreto, contudo devem ser sempre acções incidentes, já que recaem no mesmo educando. (...)” (Diez, 1998:10)

Segundo Davies, Marques & Silva (1993), o sucesso académico da criança está interligado com o seu desenvolvimento social, físico e emocional. Por isso, é necessário que as Escolas, as Famílias e as Comunidades se interessem pela criança na sua totalidade e, em prol dela, aprendam a relacionar-se e a cooperar-se mutuamente. “(...)Quando os valores da escola coincidem com os valores das famílias, quando não há rupturas culturais, a aprendizagem ocorre com mais facilidade. Nas comunidades homogéneas, em que os professores partilham os mesmo valores e padrões culturais dos pais dos alunos, está garantida, à partida, a continuidade entre a escola e a comunidade(...)” (Davies, Marques & Silva, 1993:25).

2.2.4. O insucesso escolar

“Um ponto essencial do debate sobre o insucesso é saber se devemos tratar este assunto no plano individual ou no plano colectivo.”

B. Pierrehumbert (1992:19) citado por M. Crahay (1996:9)

No geral, considera-se um insucesso quando uma determinada entidade não consegue atingir os objetivos aos quais se propôs ou no período de tempo estipulado para o seu alcance. Particularizando ao insucesso escolar, este refere-se aos Alunos que não atingem as Metas de Aprendizagem estipuladas pelo Ministério da Educação, acabando por ficarem retidos no ano que frequentam.

O insucesso escolar é um tema abordado e estudado desde os anos sessenta. Resulta das disfuncionalidades existentes no Aluno, Escola e Sociedade e da forma como estes interagem entre si. Talvez por isso, seja considerado um fenómeno de visualização complexo (Martins, A. 1991:9). As suas causas são difíceis de discriminar pois, como as entidades referidas se relacionam entre si, existe a tendência da “batata quente” passar de umas para as outras. Contudo, *“para a sociologia as causas dominantes são de natureza: a) económica e cultural (família de origem dos alunos); b) sociocultural e escolar; c) escolar (sistema de ensino).”* (Martins, A. 1991:9). Porém, existe um outro tipo de insucesso que diz respeito aos alunos não atingirem as metas traçadas por si e pela sociedade de acordo com as suas aspirações e as necessidades dos sistemas envolventes.

As causas do insucesso escolar têm sofrido variações com as evoluções às quais tem sido sujeito o ensino e com as conjecturas teóricas que se diferenciam.

Após a guerra, a Escola era vista como neutra, com igualdade no acesso e sucesso, sendo os alunos hierarquizados conforme o seu coeficiente de inteligência (Q.I.). Como o Q.I. diz respeito à genética, nesta perspetiva o insucesso era explicado através de um molde individual. Desta forma, eram as patologias que estavam na origem do insucesso. Existe ainda uma teoria (“culturalista”) que considera que o insucesso se correlaciona com o facto dos alunos de classes consideradas inferiores estão a um nível cultural mais baixo do nível cultural das classes consideradas superiores. Desta forma, o insucesso é

atribuído ao meio familiar do aluno, “culpando” os pais de, além de serem “incultos”, influenciam os filhos não lhes inculcando aspirações e expectativas. Sob esta perspectiva a escola é, então, considerada neutra, oferecendo ao Aluno igualdade e a qual cabe ao Aluno aproveitar.

No entanto, estas perspectivas viriam a ser refutadas pelos “deterministas” para os quais a escola mais não era do que escolhia os indivíduos conforme os seus critérios e mecanismos. Esta teoria atribuía o insucesso à estrutura da Escola, aos conteúdos curriculares, ao tipo de ensino e aos processos de avaliação (Martins, A 1991:13).

2.2.4.1. Causas económicas e culturais da Família do Aluno

Foram realizados estudos experimentais, quer em Portugal quer noutros países, que verificaram uma relação entre a origem social do Aluno e o seu (in) sucesso escolar. São os grupos étnicos que apresentam as maiores taxas de insucesso seguindo-se, por ordem decrescente, os filhos das classes consideradas economicamente mais débeis sendo as taxas mais baixas atribuídas aos filhos das classes consideradas economicamente mais favorecidas. Segundo Martins (1991), as condições socioeconómicas estão relacionadas com:

1. Distância da escola: os Alunos que são sujeitos a um maior deslocamento são obrigados a um esforço suplementar;
2. Habitação em zonas degradadas: os alunos que habitam em zonas com poucas condições, quer relativamente à vizinhança quer à qualidade dos alojamentos, estão pouco recetivos à aquisição de hábitos culturais e de estudo de acordo com as exigências do sistema educativo;
3. Diferentes formas de satisfazer as necessidades básicas, que são: fisiológicas; de segurança; sociais; de autonomia; de realização;
4. Diferentes acessos à cultura;

5. Necessidade de aumentar a renda familiar: este aspeto relaciona-se, consequentemente, com o abandono escolar e o trabalho infantil;
6. Incapacidade de suportar os custos que o ensino implica: material escolar, alimentação, deslocações, etc. (Martins, A 1991:13-14)

Desta forma, as classes economicamente mais favorecidas proporcionam aos seus filhos uma “rampa de lançamento” que lhes irá facultar um futuro com “altos voos”, enquanto as classes economicamente mais débeis mantém os filhos com “os pés bem assentes na terra” cortando-lhe as “asas” para voarem.

Na entrevista à Revista Lusófona da Educação (já acima referida), em conversa com Manuel Tavares, Ana Benavente refere as teorias já referidas, em que se baseiam nas características individuais e na inteligência do Aluno. Contudo, revela que têm sido feitas novas e importantes análises, as quais se centram na Escola, na sua estrutura, gestão e avaliação. Afirma que é realmente necessário apostar em boas práticas com o objetivo de conseguir uma escola inteligente, democrática e, claro, adequadas às pessoas e à sociedade.

Para Eduardo Marçal Grilo (2010), as causas do insucesso escolar são de facto diversas, mas refere que nos últimos anos têm sido feitos vários estudos que permitem determinar os fatores essenciais. Relativamente à Família, são eles:

1. *“O reduzido interesse da família pela escola e pela aprendizagem, o que está muitas vezes relacionado com o baixo nível educacional dos pais e com a pertença a grupos socioeconómicos desfavorecidos;*
2. *O baixo nível educacional da mãe;*
3. *A relação pouco saudável e por vezes perversa entre os pais e a escola;*
4. *A baixa motivação do estudante, relacionada com dificuldades ao nível da estrutura familiar e das condições necessárias para organizar o estudo em casa”.*

(Grilo, 2010, pp.107-108)

Como podemos ver, a opinião dos autores complementam-se e cruzam-se em alguns aspetos. Além dos pontos que acima indiquei, Eduardo Marçal Grilo também

refere a deficiente alimentação e poucas horas de sono como fatores que podem ter efeitos negativos nos Alunos. Estes aspetos vão de encontro ao ponto 1 e 3 de António Maria Martins. Contudo, estes aspetos que envolvem o nível socioeconómico da Família e o nível de cultura, apesar de influenciarem negativamente a criança, são difíceis de ultrapassar.

“Estes são factores que temos todos a obrigação de equacionar e de tentar resolver com inteligência, com imaginação, com trabalho, com dedicação, com esforço e, sobretudo, com muito equilíbrio e bom senso, tratando de forma diferente o que é diferente e procurando encontrar soluções adequadas para cada caso de insucesso detectado.”

Grilo (2010:108)

É necessário consciencializar Pais, Alunos e também Professores, da importância ao combate do insucesso e utilizar todos os meios necessários para fazer face a este “incêndio” que se têm alastrado a muitas Escolas de várias regiões do País. A “corporação” dos Professores necessita da intervenção dos Pais para minimizar esta “calamidade”.

Felizmente, e como o insucesso escolar não é recente, ao longo dos anos o nosso País tem sido alvo de vários projetos e iniciativas que visam o sucesso escolar dos Alunos. Através de Eduardo Marçal Grilo tive conhecimento dos seguintes projetos: Projecto TurmaMais; A Escola em casa e A Educação Artística como Instrumento ao Serviço das Aprendizagens. Como a minha investigação diz respeito à Família, apenas achei importante aprofundar o projeto em que a Família tem um papel ativo.

2.2.4.2. Projeto “A Escola em Casa”

Este projeto surgiu após a análise dos relatórios do PISA e nasceu na Universidade de Aveiro. Os relatórios do PISA concluem que os resultados alcançados pelos alunos das

escolas portuguesas se relacionam com o ambiente familiar, nomeadamente, a formação dos Pais, o nível socioeconómico da Família e a frequência e natureza das conversas no seio familiar. Tendo como base este diagnóstico nasceu o projeto “A Escola em Casa” cujo objetivo é *“contribuir para a promoção do diálogo transgeracional e identificar elementos que sejam relevantes para potenciar o trabalho escolar e a melhoria dos resultados dos alunos”* (Grilo, 2010: 113)

O projeto consiste em vários guiões que são entregues às Famílias, onde é proposto a realização, em casa, de várias atividades, cuja finalidade é aproximar o Aluno e a Família. Para Eduardo Marçal Grilo (2010), este é um projeto que proporciona benefícios aos Alunos, sendo que promove as condições que o Aluno necessita para se sentir apoiado e incentivado.

A relação Escola-Família é deveras importante para o Aluno, seja ele bom aluno ou não, pois o diálogo irá permitir articular o que se passa em casa e na escola. Este diálogo também ajudará a escola a identificar problemas que o Aluno possa ter em casa, que poderão estar na origem dos problemas detetados nas aprendizagens e no comportamento do mesmo.

De seguida, darei a conhecer a metodologia adotada na minha investigação, assim como as suas características.

2.3 Metodologia

O presente capítulo irá incidir sobre a metodologia usada para a investigação que levei a cabo – metodologia qualitativa através de uma ação participante.

A investigação qualitativa em Educação teve origem nos finais do século XIX, contudo apenas foi reconhecida recentemente - possuindo um longo e rico percurso.

Partindo do problema, e tendo em horizonte os meus objetivos, desenvolvi algumas atividades relacionadas com a Família, a sua importância e participação na vida escolar da criança. Para tal, optei pela escrita; em que os Alunos transcreviam o seu

conceito de Família, posteriormente, a sua opinião relativamente à importância da Família do passarinho Edmar e, *a posteriori*, comparando a sua Família com a do Edmar. E porque a participação da Família era importante, desenvolvi uma atividade em que era fundamental a sua participação, desta vez recorrendo ao desenho. Considerei igualmente importante a realização de inquéritos, quer aos Pais quer às crianças.

Sabendo que o (in)sucesso escolar é um tema recorrente e tendo em conta as alterações sociais que se verificaram quis perceber, na turma com a qual realizei a PES II, qual a participação dos Pais dessas crianças tentando perceber qual a importância/influência desta participação no (in)sucesso escolar das crianças. Desta forma, a investigação-ação “caiu que nem uma luva”, pois implica a participação e envolvimento do investigador.

Em seguida, apresentarei as características da metodologia que adotei para a minha investigação.

2.3.1. Características da investigação qualitativa

O presente estudo de investigação e os respetivos dados inserem-se, como já foi referido, na metodologia de investigação qualitativa. A metodologia qualitativa assenta em cinco características, através das quais podemos proceder à confirmação da sua aplicação a este estudo.

As cinco características fundamentais da investigação qualitativa (segundo Bogdan & Biklen, 1991) são:

1. O ambiente natural é a fonte direta dos dados;
2. É uma investigação descritiva;
3. É maior o interesse no processo do que nos resultados;
4. A análise de dados é feita de forma indutiva;
5. O significado é vital.

De seguida, falarei de cada uma das características em particular:

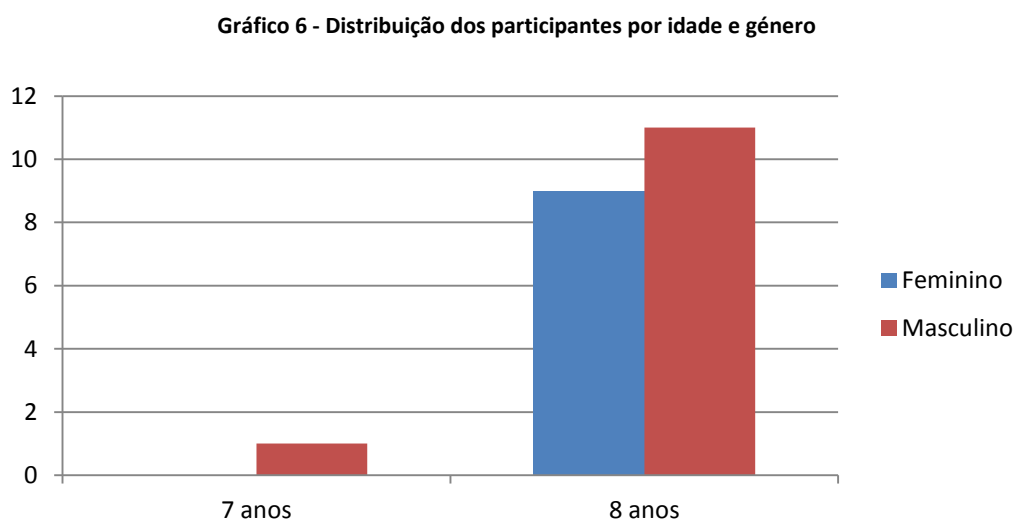
1. *O ambiente natural é a fonte direta dos dados* – A investigação qualitativa implica a dispensa de muito tempo no local foco da investigação. Utilizando diversos instrumentos - como vídeo, apontamentos, fotografia, etc. – o contacto direto é fulcral, sendo de grande relevância a observação dos participantes no seu “habitat natural”, ou seja, no seu contexto.
2. *É uma investigação descritiva* – Na investigação qualitativa, os investigadores tentam analisar toda a riqueza dos dados fornecidos através dos participantes, dispensando números e favorecendo as palavras ou imagens. É incutida na palavra uma importância enorme. Na abordagem qualitativa nada passa ao acaso e tudo tem potencial de constituir uma pista que permita uma melhor compreensão do objeto de estudo.
3. *É maior o interesse no processo do que nos resultados* – A investigação qualitativa foca-se na formação e não nos resultados.
4. *A análise de dados é feita de forma indutiva* – Um investigador qualitativo procede de “baixo para cima”, sendo que não recolhe os dados para confirmar nada. Tudo é construído à medida que vão chegando os resultados.
5. *O significado é vital* – O investigador qualitativo interessa-se pelos diferentes significados que as pessoas dão à vida.

A escolha da já referida metodologia qualitativa deve-se ao facto da investigação ser essencialmente observada, descritiva e, por fim, analisada.

2.3.2. Participantes

A participação de todo o grupo era importante para a realização desta investigação, tendo em conta o tema que escolhi. Tendo isso em consideração, esforcei-me por deixar bem claro quais os meus objetivos e assegurar a cada Família que iria respeitar a sua privacidade, restringindo-me sempre à ética que sempre esteve em primeiro plano para mim. Pois sabia que o tema era delicado, que cada Família tem a sua realidade e não queria, de modo algum, por o estudo em risco. Apesar de todo o grupo participar nas atividades, existe o caso de uma criança que, a determinada altura, deixou de colaborar. Esta questão será novamente mencionada aquando a análise e tratamento de dados, de forma a ficar claro o número de participantes em cada atividade.

No seguinte gráfico apresento a distribuição dos alunos por idade e género.



Observando o gráfico podemos verificar que no grupo participante domina o género masculino, sendo 12 participantes masculinos e 9 femininos. Todos os participantes têm 8 anos de idade, existindo apenas um participante do género masculino com 7 anos de idade.

Antes de realizar qualquer atividade, foi devidamente pedida a autorização aos Pais/Encarregados de Educação das crianças. Apesar de ter recebido autorização para todas as crianças participarem nas tarefas, houve uma/duas exceções.

2.3.3. Instrumentos de recolha de dados

Uma vez que o presente relatório tem uma vertente investigativa que é o “coração” de toda a investigação, era fundamental a recolha de informações no terreno e, a partir daí, seguir os procedimentos de forma a obter as conclusões da sua análise.

Utilizei, no meu estudo, os seguintes instrumentos:

Observação

A observação permite conhecer melhor o contexto num primeiro contacto. O investigador, quando recorre à observação, vê, percebe e absorve o que o rodeia - sem interpretar mas sim refletir sobre o que absorveu. É da observação que nascem os primeiros dados e as primeiras hipóteses.

Notas de campo

Por notas de campo entende-se *“o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”* (Bogdan & Biklen, 1991:150). No “terreno” o investigador absorve tudo o que o rodeia para, mais tarde, analisar e refletir sobre esses aspetos, procurando interligações e conclusões. Assim, as notas de campo caracterizam-se de descritivas e reflexivas. Descritivas porque o investigador descreve o que o rodeia; e reflexivas porque nelas constam a opinião do investigador, a sua interpretação.

No meu estudo utilizei algumas transcrições retiradas das filmagens da apresentação da atividade do Brasão de Família. Quando as entrevistas são longas, é aconselhável a sua gravação como forma de recolha de notas de campo, quer seja em vídeo, quer só de voz. Assim é possível retirar partes da entrevista que consideremos interessante para o estudo, tal como foi o meu caso.

Inquéritos

Os inquéritos são dados quantitativos que, por sua vez, podem ser utilizados convencionalmente em investigações qualitativas – o que foi o meu caso. Os inquéritos forneceram-me informações descritivas relativamente às famílias. Contudo, estes dados quantitativos não produzem dados reais, mas sim pontos de vista dos sujeitos inquiridos. A maneira como determinado assunto é visto numa cidade, não quer dizer que o mesmo aconteça numa outra cidade.

Entrevistas informais

Uma entrevista “*consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas (Morgam, 1988), dirigida por uma das pessoas, com o objectivo de obter informações sobre a outra.*” (Bogdan & Biklen, 1991:134).

Ao longo da minha PES II estabeleci com a minha professora cooperante várias conversas, as ditas entrevistas informais, de modo a obter informações sobre as crianças e as suas Famílias. Essas entrevistas foram muito importantes pois foi através das mesmas que conheci muitas realidades de alguns alunos, uma vez que eram estranhos para mim, assim como as suas Famílias. As entrevistas permitiram construir uma ideia sobre as Famílias das crianças da turma. Não segui qualquer guião, conforme me iam surgindo dúvidas eu questionava a cooperante e conversávamos sobre o assunto.

Através da apresentação da atividade que as crianças fizeram com os Pais (Brasões), acabei também por entrevistar informalmente as crianças. Desta forma, fiz com que através dos Brasões estimulei uma conversa, pedindo que partilhassem comigo, e com a turma, parte de si que estavam retratadas naqueles Brasões.

Textos escritos pelos sujeitos

Optei também por usar, como dados, pequenos textos que as crianças realizaram escritos por si. Aliás, estes foram dos primeiros instrumentos que utilizei. O meu objetivo

com este instrumento foi, precisamente, “(...)obter provas detalhadas de como as situações sociais são vistas pelos seus actores e quais os significados que vários factores têm para os participantes” (Angel, 1945:178 citado por Bogdan&Biklen, 1991:177).

2.3.4. Investigação etnográfica com crianças

Para Spradley (1979) *“a etnografia deve ser entendida como a descrição de uma cultura, que pode ser a de um pequeno grupo tribal, numa terra exótica, ou a de uma turma de uma escola dos subúrbios, sendo a tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo.”* (Spradley, 1979 citado por Fino, C. N., 2008:1). Considero que o meu estudo de investigação tem o “seu quê” de investigação etnográfica, pois para compreender o (in)sucesso de alguns alunos, tive que conhecer melhor as suas Famílias, a sua cultura e pontos de vista. Contudo, para desenvolver uma verdadeira investigação etnográfica seria necessário mais tempo para acompanhar o desenvolvimento mais intensivo do grupo, bem como fortalecer algumas das respostas essenciais que a etnografia sempre comporta.

“Segundo Hammersley (1990), o termo “etnografia” refere, em termos metodológicos, investigação social que comporte a generalidade das seguintes funções:

- *o comportamento das pessoas é estudado no seu contexto habitual e não em condições artificiais criadas pelo investigador;*
- *os dados são recolhidos através de fontes diversas, sendo a observação e a conversação informal as mais importantes;*
- *a recolha de dados não é estruturada, no sentido em que não decorre da execução de um plano detalhado e anterior ao seu início, nem são pré-estabelecidas as categorias que serão posteriormente usadas para interpretar o comportamento das pessoas (o que não significa que a investigação não seja sistemática, mas apenas que os dados são recolhidos em bruto, segundo um critério tão inclusivo quanto possível);*

- *o foco do estudo é um grupo não muito grande de pessoas, mas, na investigação de uma história de vida, o foco pode ser uma única pessoa;*
- *a análise dos dados envolve interpretação de significado e de função de acções humanas e assume uma forma descritiva e interpretativa, tendo a (pouca) quantificação e análise estatística incluída, um papel meramente acessório.”*

(Hammersley,1990 citado por Fino, C.N., 2008:7)

Considerando esta citação, e tendo em conta o meu estudo de investigação, existem, pelo menos, dois pequenos aspetos que ligam o meu estudo à investigação etnográfica.

Primeiro, apesar de ter realizado várias atividades com as crianças, a observação e as conversas informais com a Professora Cooperante foram, de facto, os instrumentos-chave para este estudo. Como a Cooperante conhece as crianças e as suas Famílias há já algum tempo, foi através dela que obtive muita informação relevante para este estudo. O segundo aspeto, é o facto de apesar de ter usado dados quantitativos estes não foram considerados muito relevantes, tendo apenas um papel mais secundário neste estudo. Assim, a análise acabou por ser, como refere Hammersley (1990) mais interpretativa.

Desta forma, pode-se considerar o meu estudo de investigação um ensaio etnográfico em Educação.

2.3.5. Plano de ação do estudo de investigação

O presente estudo de investigação seguiu uma calendarização, assim desenvolvendo os passos que permitiram a sua execução. Essa calendarização é possível de ser verificada na seguinte tabela:

Tabela 1 - Plano de ação do estudo de investigação

Meses	Plano de ação
Outubro - Novembro	Identificação do problema; Realização das questões de investigação; Realização das tarefas a desenvolver; Envio dos pedidos de autorização aos Encarregados de Educação das crianças;
Dezembro	Realização das tarefas a desenvolver (continuação); Implementação da atividade 1 e 2;
Janeiro	Implementação da atividade 3; Recolha e análise de dados;
Fevereiro - Setembro	Escrita do Relatório Final de Mestrado

Ao longo da realização deste estudo de investigação a minha maior preocupação foi o respeito pelas Famílias e pela sua intimidade. Quando realizei e implementei as atividades tive sempre em consideração evitar ser “intrusiva” no seio familiar dos alunos, pois poderia colocar todo o estudo em causa. Por isso, tentei chegar às Famílias (mais concretamente aos Pais) de uma forma gradual. Comecei então por abordar as crianças e, mais tarde, as Famílias.

A ética, nesta investigação, foi tida profundamente em conta. Assim, esforcei-me ao máximo por proteger as identidades dos participantes, assim como respeitá-los. Procurei ser clara e explicar os meus objetivos, de forma a conseguir a participação dos sujeitos neste estudo.

Agora que já é conhecida toda a metodologia desta investigação, faz sentido dar, então, a conhecer as planificações com as atividades que desenvolvi e que foram importantes para o estudo.

CAPÍTULO III

SELEÇÃO CRITERIOSA E JUSTIFICADA DAS PLANIFICAÇÕES

Com este capítulo pretende-se clarificar e justificar as intervenções pedagógicas realizadas no âmbito do estudo, justificando as opções didáticas desenvolvidas no decurso do estágio tendo em consideração o contexto no qual estive durante a PES II.

Desde o início da PES II pude constatar a indolência de alguns Alunos. Primeiro pela realização dos trabalhos de casa, depois por outras atividades que usei como estratégia para verificar esta realidade. Quando começamos as observações da PES II, antes das implementações, a Professora Cooperante pôs-nos (a mim e ao meu par de estágio) a par de alguns casos mais sensíveis, relativamente a questões familiares.

A Família era o tema que se seguia no manual de Estudo do Meio e, a pedido da Professora Cooperante, eu e a minha colega de estágio planificamos atividades sobre os membros da Família para a primeira semana de trabalho. Foram estas atividades, estes momentos, que me permitiram compreender que o estudo seria viável. A observação que fiz do grupo permitiu-me desenvolver as tarefas, tendo sido o respeito pela individualidade de cada Família (assim como o seu contexto social e económico a preocupação) a minha maior preocupação e prioridade. Comecei por preparar uma atividade onde as crianças passassem para o papel o seu conceito de Família. De seguida, tive conhecimento da história do Edmar (de Manuela Mota Ribeiro) e como abordava a superação do passarinho que sofria de albinismo - em que a Família teve um papel importante - planifiquei uma atividade em que os Alunos tivessem de dar a sua opinião relativamente à Família do Edmar e comparar com a sua Família. Uma vez que esta investigação pretende cativar e fortificar o envolvimento dos Pais com a Escola desenvolvi uma atividade na qual os Alunos construíssem o Brasão da sua Família, em casa com a Família. Por último, mas não menos importante, fiz três questionários: dois aos Alunos e um aos Pais.

3.1. Planificações que contêm atividades relacionadas com o estudo

Tabela 2 - Planificação relativa à 1ª Atividade

Temas/ Conteúdos/ Blocos	Competências/ Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/ Recursos/ Espaços físicos	Tempo	Avaliação
Os membros da minha família		Nesta aula os alunos terão como desafio descobrir o novo tema que irá ser abordado (Os membros da minha família), através de uma sopa de letras de 13 palavras.	- Ficha “Sopa de letras”;	20 min	- Supera o desafio, detetando na sopa de letras os graus de parentesco;
	- Reconhecer alguns sentimentos (amor, amizade ...) e suas manifestações (carinho, ternura, zanga ...)	Depois de descoberto, a estagiária questionará os alunos, acerca do que é para eles a Família. Cada aluno registará a sua opinião numa árvore (em cartolina), que posteriormente será afixada num painel.	- “Árvore” em cartolina;	30 min	- Expressa corretamente, por escrito, o seu conceito de Família;

Tabela 3 - Planificação relativa à 2ª Atividade

Temas/ Conteúdos/ Blocos	Competências/ Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/ Recursos/ Espaços físicos	Tempo	Avaliação
Pré-leitura;	- Antecipar o assunto de um texto;	<p>Como forma de motivar os alunos, no início da aula a estagiária pede a cada aluno que retire de um saco um cartão com uma letra. Os cartões terão três cores diferentes. Os cartões de cor azul formam a palavra “passarinho”, os cartões de cor branca formam a palavra “albino” e os cartões de cor amarela formam a palavra “Edmar”. De seguida, a estagiária pergunta, por exemplo:</p> <p>- “Quem tem cartões azuis?”</p> <p>- “Que letra tem o teu cartão?”</p> <p>A estagiária escreve no quadro todas as letras ditas pelos alunos que têm cartões azuis. No final, toda a turma tentará ordenar as letras de forma a descobrir a palavra. Este procedimento será igual para as outras duas cores.</p> <p>Depois de descobrir as três palavras, que correspondem ao título da história, a estagiária questiona:</p> <p>- “O que acham que são estas três palavras? Acham que é o nome de alguma coisa?”</p> <p>- “E albino, o que será que significa?”</p>	Saco; Cartões; Quadro; Marcador;	30 min	- Responde corretamente às perguntas colocadas, demonstrando conhecimentos prévios;

Leitura;	- Dominar o léxico do livro;	<p>- “E Edmar, o que será?”</p> <p>Para dar continuidade à aula, a estagiária apresenta o livro “Edmar, o passarinho Albino” de Manuela Mota Ribeiro.</p> <p>Depois de apresentado o livro, a estagiária orienta a observação dos alunos para as finalidades das informações contidas na capa do livro. Nesta observação pretende-se que os alunos considerem e percebem a presença dos seguintes itens: título, ilustrações, editora e autor(a). Em primeiro lugar os alunos farão uma observação livre para que possam observar autonomamente todas as informações. Contudo serão desafiados pela estagiária a observar procurando informações importantes. A estagiária registrará no quadro todas as informações que os alunos apresentem, após terem observado a capa do livro. Identificados todos os itens e compreendidas as suas funções será discutida a função, a necessidade e a importância da capa de um livro.</p> <p>Na continuação da aula será entregue a cada um dos alunos uma folha na qual cada um terá que produzir uma nova capa para o livro. Além de todos os itens que</p>	Livro;	40 min	- Identifica corretamente a informação contida na capa do livro;
----------	------------------------------	---	--------	--------	--

Interpretação do texto;	<ul style="list-style-type: none"> - Responder a questões acerca do que ouviu; - Identificar informação essencial e acessória; 	<p>compõem a capa, os alunos serão desafiados a produzir um novo título para o livro.</p> <p>De seguida, a estagiária lê a história à turma.</p> <p>Após a leitura, a estagiária em conjunto com os alunos faz a compreensão/exploração da história, utilizando questões, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quem era a personagem principal da história? - O Edmar era diferente dos outros irmãos? Porquê? - Por ele ser diferente os pais achavam que ele deveria ser tratado de forma diferente? - Quais eram as limitações do Edmar? - Era fácil para o Edmar ser diferente? - O que aconteceu quando ele entrou para a escola? - Mas o Edmar foi sempre apoiado. Por quem? - O que fizeram os pais para o ajudar numa melhor adaptação ao mundo escolar? - Depois dessas sessões, como reagia o Edmar quando era gozado? - O que mais incomodava o Edmar? - Que papel teve a família do Edmar na superação dos seus problemas? - Apesar de o Edmar ser tímido, havia alturas em que ele 	Livro;	<p>20 min</p> <p>30 min</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Responde corretamente às questões;
-------------------------	--	--	--------	-----------------------------	--

		<p>não se importava de dar nas vistas. Quando é que isso acontecia?</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que acontecia quando ele dançava? - Quando chegou a altura de sair do ninho ele sentiu necessidade de quê? - Durante essa viagem, por instinto, ele aproximou-se de onde? - Conforme se ia aproximando mais e mais, ele ouvia sons. O que descobriu ele que originava esses sons? - O que aconteceu certa tarde, quando a professora Lilian pediu aos alunos que tocassem uma das suas músicas preferidas? - “A seta do cupido penetrou no coração da professora Lilian”. O que será que isso quer dizer? - Passaram-se semanas e as conversas entre eles deram lugar a uma ideia. Que ideia foi essa? - Porque é que os ensaios eram realizados ao final da tarde? - O que veio confirmar este espetáculo ao Edmar? - O que aprendemos com esta história? - Já alguma vez alguém se sentiu como o Edmar ou passou por alguma situação parecida com as que ele viveu? <p>No final do diálogo realizar-se-á uma síntese conjunta da</p>			
--	--	--	--	--	--

		história.			
A importância da Família;	- Reconhecer o papel e a importância da família;	<p>Nesta aula a estagiária pedirá aos alunos que, numa folha, escrevam a sua opinião relativamente à família do Edmar.</p> <p>Em primeiro lugar, pretende-se que os alunos deem a sua opinião relativamente à importância do papel da família do Edmar no acompanhamento e na superação das dificuldades que este encontrou ao longo do seu percurso.</p> <p>Em segundo lugar, será solicitado aos alunos que se coloquem no lugar do Edmar, que comparem o papel da sua família com o da família do Edmar e que digam se já passaram por alguma situação em que o apoio da família foi fundamental.</p>	Folhas; Material de escrita;	60 min	- Valoriza o papel da família e reconhece a sua importância;

Tabela 4 - Planificação relativa à 3ª Atividade

Temas/ Conteúdos/ Blocos	Competências/ Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/ Recursos/ Espaços físicos	Tempo	Avaliação
Bloco 2 – Á descoberta dos outros e das instituições: O passado familiar;	- Reconhecer elementos importantes que representam a sua família;	Esta aula será dedicada à apresentação dos brasões de família de acordo com as regras e a tradição definida pelos heraldistas. Os brasões foram retirados de fontes heráldicas. Esta atividade foi pedida na semana passada a cada aluno e respetiva família. Espera-se que cada aluno tenha feito uma pequena pesquisa com a família e, assim, construído o brasão da sua família. Os alunos terão que apresentar o seu brasão explicando a simbologia.	Brasões;	75 min	- Apresenta o brasão aos colegas, expressando corretamente o significado dos elementos que compõem o brasão da família;

Além destas três atividades, também foram realizados inquéritos (em anexo), como já referi. Comecei por fazer dois inquéritos aos Alunos, um tratava o posicionamento da criança na Família, o outro posicionamento na sociedade. O inquérito aos Pais serviu para confrontar informações entre Pais e Filhos.

Este capítulo limitou-se apenas às planificações e à justificação das mesmas. No capítulo seguinte serão apresentados os dados que recolhi ao longo da PES II, através da metodologia que já referi e tendo por alicerces a ética.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo apresentam-se os resultados do processo de recolha e organização dos instrumentos utilizados. A análise de dados é o culminar do processo de recolha de dados e permiti-me mostrar aquilo que encontrei com este estudo de investigação.

“A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.”

(Bogdan & Biklen, 1991:205)

Participação por dados

Tabela 5 - Participação da turma nos dados

Participante	1ª Atividade	2ª Atividade	3ª Atividade	Inquéritos
1	X	X	X	X
2	X	X	X	X
3	X	X	X	X
4	X	X	X	X
5	X	X	X	X
6	X	X	X	X
7	X	X	X	X
8	X	X	X	X
9	X	X	X	X
10	X	X	X	X
11	X	X	X	X
12	X	X	X	X
13	X	X		
14	X	X	X	X
15	X	X	X	X
16	X	X	X	X
17	X	X	X	X
18	X	X	X	X
19	X	X	X	X
20	X	X	X	X
21	X	X	X	X
Total	21	21	20	20

Analisando a Tabela 5, observamos que nas duas primeiras atividades temos a totalidade de participação. Contudo, na terceira atividade e nos inquéritos podemos verificar que o participante 13 não contribuiu. Este facto justificasse, como já referi, por o participante em questão ter deixado de frequentar a Escola depois das férias de

natal, sem que nada o tivesse previsto. Existe ainda uma não contribuição que não é visível no quadro referente ao participante 1. Nos inquéritos, apenas o participante contribuiu, pois os pais encontram-se emigrados.

4.1. 1ª Atividade

Data: 22 de outubro de 2012

Objetivo:

- Percecionar a sensibilidade da turma relativamente à temática do projeto
- Reconhecer alguns sentimentos (amor, amizade ...) e suas manifestações (carinho, ternura, zanga ...).

Recursos:

- “Árvore” em cartolina;
- Material de escrita;
- Material de desenho.

Estratégias:

- Diálogo em grande grupo;
- Trabalho individual;

Avaliação:

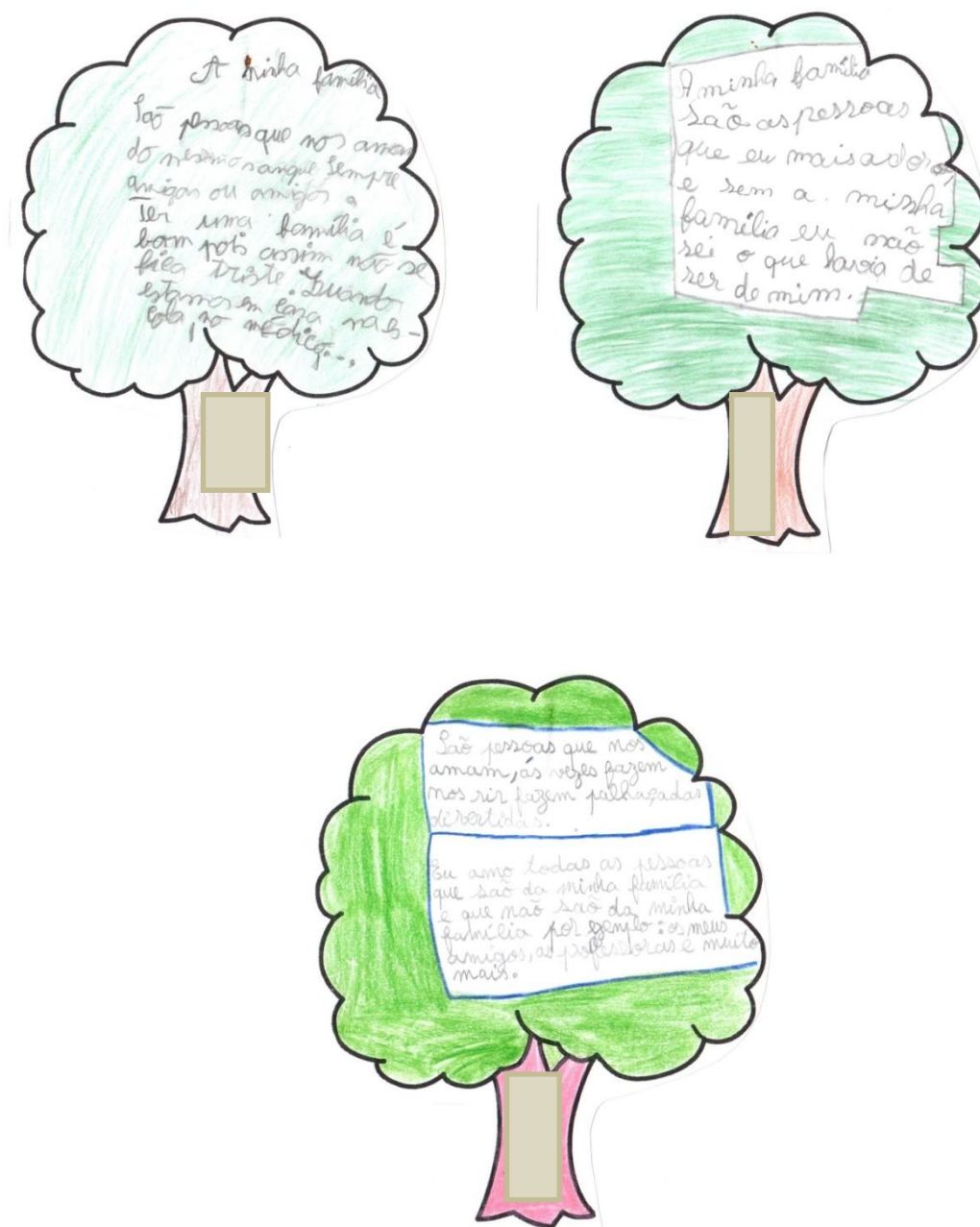
- Expressar corretamente, por escrito, o conceito de Família.

Descrição da atividade:

Todas as crianças encontravam-se sentadas nas suas mesas individuais. Distribuí uma “sopa de letras” por cada aluno. Depois de descobertas as palavras escondidas falamos sobre as mesmas, ou seja, sobre os membros da Família. Em seguida, questionei os alunos acerca do que era para eles a Família. Depois de um diálogo em grande grupo distribuí uma “árvore” para que cada aluno registasse nela a sua opinião. Informei-os que as “árvores” seriam afixadas no painel da entrada da Escola para que os pais pudessem ver. Por fim, cada aluno coloriu a sua “árvore” a seu gosto.

A presente tarefa contou com a participação de toda a turma, ou seja, de 21 crianças. Apesar da criança 9 ter faltado no dia em que a tarefa se realizou, dei-lhe a oportunidade de fazer num outro dia.

Ilustração 1- Três exemplos da 1ª atividade



Concluída a atividade realizada pelos Alunos apresento as conclusões, de acordo com o conhecimento de Família dos mesmos:

A) Identificam sentimentos de amor, amizade, união e entreajuda

Tabela 6 - Apresentação dos sentimentos identificados pelos participantes

Participantes	Amor	Amizade	União	Entreajuda	“Pessoas do nosso sangue”	“Pessoas que nos criam”
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						

A totalidade do grupo de estudo mostrou ter um bom conceito de Família, onde a maioria reconhece que a Família não é só o Pai, a Mãe e Irmãos. Destacam-se a identificação do amor na Família, a amizade e a união. Ao longo da realização da atividade, percebi que alguns alunos tinham dificuldades em transcrever para o papel

o que pensavam, nomeadamente, o participante 15 que apenas referiu a amizade. Trata-se de um aluno com NEE e tem bastante dificuldade em escrever.

Algumas crianças referiram que a Família *“são pessoas que nos criam”* e outras referiram que a Família *“são pessoas do mesmo sangue”*. Achei interessantes estes aspetos, pois fiquei com a ideia que algumas crianças têm a noção que Família não são só as pessoas do *“nosso sangue”*, como acontece nos casos de adoção.

Analisando a Tabela 6, podemos verificar que as manchas vermelhas e verdes são as que se destacam, tendo sido o amor e a entreatuda (respetivamente) os sentimentos que os alunos mais identificaram.

4.2. 2ª Atividade

Data: 11 de dezembro de 2012

Objetivo:

- Reconhecer o papel e a importância da família;

Recursos:

- Livro “Edmar, o passarinho albino” de Manuel Mota Ribeiro
- Folhas;
- Material de escrita.

Estratégias:

- Diálogo em grande grupo;
- Trabalho individual;

Avaliação:

- Valoriza o papel da família e reconhece a sua importância;

Descrição da atividade:

Em grande grupo, comecei por fazer uma atividade de motivação dos alunos, em que tinham de descobrir o título do livro em questão. Depois de encontrado o título do livro e uma observação da capa do mesmo, propus aos alunos que fizessem uma nova capa e um novo título para o livro. Em seguida, li o livro para a turma e no final seguiram-se as perguntas de compreensão da história. Através das seguintes questões tentei ressaltar o papel da Família do Edmar (que seria importante para a realização da última tarefa):

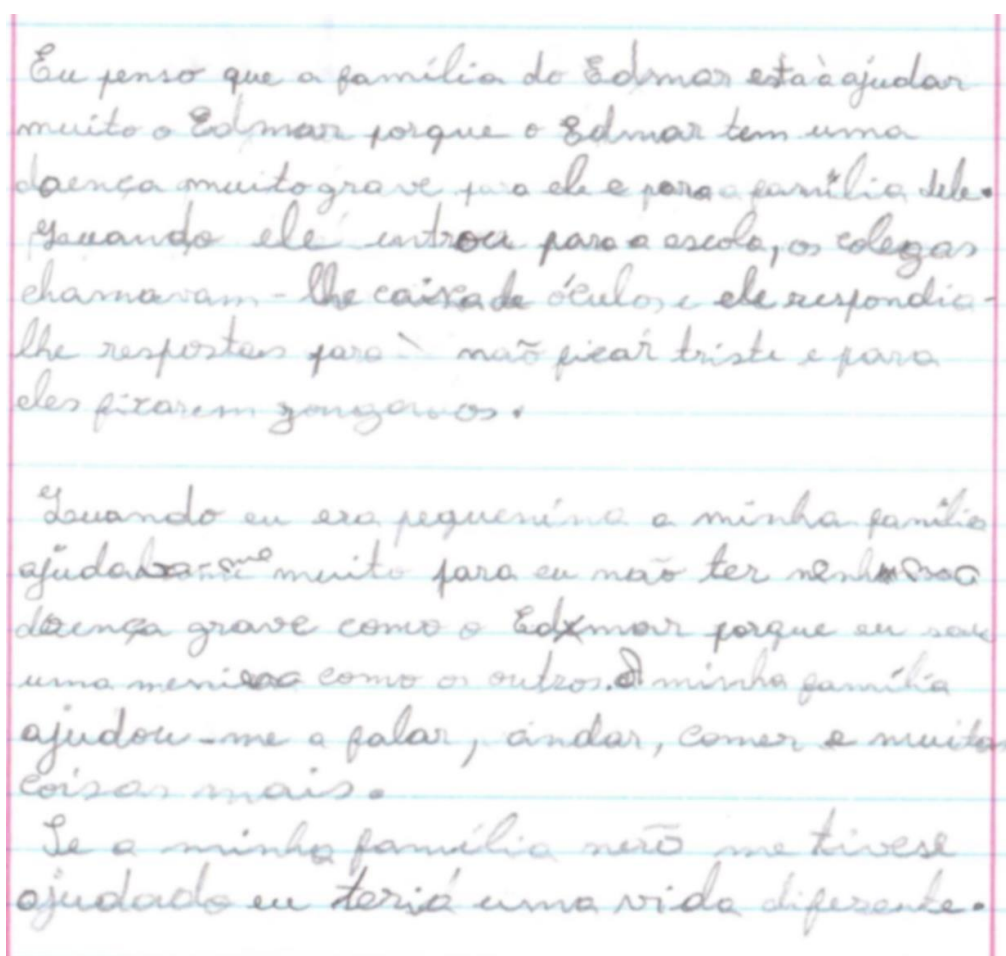
- “- Por ele ser diferente os pais achavam que ele deveria ser tratado de forma diferente?*
- Mas o Edmar foi sempre apoiado. Por quem?*
- O que fizeram os pais para o ajudar numa melhor adaptação ao mundo escolar?*

- Que papel teve a família do Edmar na superação dos seus problemas?
- Já alguma vez alguém se sentiu como o Edmar ou passou por alguma situação parecida com as que ele viveu?"

Após os alunos terem conhecido a história e a termos explorado em grupo, passamos para o trabalho individual. Distribuí uma folha por cada aluno e pedi-lhes que, em primeiro lugar dessem a sua opinião relativamente à importância do papel da família do Edmar no acompanhamento e na superação das dificuldades que este encontrou ao longo do seu percurso. E por fim, que se colocassem no lugar do Edmar, que comparem o papel da sua família com o da família do Edmar e que digam se já passaram por alguma situação em que o apoio da família foi fundamental.

Esta atividade contou com a participação de toda a turma, ou seja, 21 participantes.

Ilustração 2 – Dois exemplos da 2ª atividade



A importância que tem a família do Edmar foi muito
preciosa porque ajudou a superar o medo de ser como era.
E se fosse outra família não o ajudava como esta família
o ajudou - o.

Eu já passei por uma situação parecida que foi por ter
dentes podres e diziam - me "olha os dentes podres" e eu
sentia-me triste mas a minha família ajudou - me. E a
minha família fez-me uma operação aos dentes e
ela mãe me tirasse ajudado todos ainda gozavam
comigo.

Através desta tarefa pude perceber se o que os alunos disseram na primeira atividade era consistente e, analisando as ilustrações que servem como exemplo e as restantes, verifiquei que sim. Os alunos perceberam a mensagem que eu quis passar com a história do Edmar, de Manuela Mota Ribeiro. Perceberam a importância que a Família teve no contorno dos problemas do passarinho albino. E o melhor de tudo foi eles terem reconhecido a importância da Família; da sua Família. Pedi-lhes que se pusessem no lugar do Edmar, que indicassem algo em que, tal como o Edmar, precisassem da ajuda da Família e houve muitos que indicaram. Como por exemplo, num dos exemplos o participante referiu uma situação que viveu parecida com a do Edmar e reconhece a importância da Família na sua superação. Já o outro participante, apesar de não indicar nenhum episódio em especial, refere a importância da Família no seu processo de crescimento.

4.3. 3ª Atividade

Data: 30 de janeiro de 2013

Objetivo:

- Reconhecer elementos importantes que representam a sua família;

Recursos:

- Papel cavallinho A3;
- Material diverso.

Estratégias:

- Apresentação oral;
- Gravação em vídeo;

Avaliação:

- Apresenta o Brasão aos colegas, expressando corretamente o significado dos elementos que compõem o Brasão da sua Família;

Descrição da atividade:

Esta tarefa só foi possível realizar com a colaboração da Família dos Alunos. A sua realização tinha como propósito a colaboração entre Pais e Filhos, em que trocassem ideias e houvesse interajuda na realização da atividade. Pretendia que houvesse diálogo sobre os elementos que representava cada Família e o que os unia. Desta forma, a tarefa dirigida à Família das crianças consistia na elaboração do “Brasão de Família”. A cada Aluno foi entregue uma folha de papel cavallinho A3 onde pretendia que realização o Brasão. Os materiais a utilizar ficaram à responsabilidade de cada Família.

Todas as Famílias aderiram ao meu pedido, logo esta atividade teve 20 participantes. O participante 13, que até aqui colaborou comigo não participou nesta

atividade, pois não voltou à escola depois das férias do natal, daí esta atividade ter tido menos um participante.

Posteriormente, cada Aluno ficou responsável pela apresentação. A ordem de apresentação que escolhi foi pelos números dos Alunos. Como os alunos se mostraram envergonhados à frente da turma, eu questionei-os relativamente ao que via no Brasão.

Participante 1

Imagem 1 - Brasão de Família da participante 1



Esta participante não fez o Brasão com os seus pais (fez com uma prima), pois os pais encontram-se emigrados. Seguidamente apresento alguns extratos da entrevista que mantive com esta criança no decurso da realização da apresentação do seu brasão:

Quadro 6 - Conversa informal com a participante 1

Prof. Estagiária: *“Então A., o que leva aqui o teu Brasão?”*

Participante 1: (Apontando para as figuras) *“Esta é a minha mãe. Este é o meu irmão. Esta sou eu. Este é o meu pai”*

Prof. Estagiária: *“E o que tem à volta?”*

Participante 1: *“Tem carinho, união, amizade, amor, felicidade, ajuda, compreensão e cumplicidade”*

Prof. Estagiária: *“Porquê estas palavras?”*

A participante é bastante tímida e não responde.

Prof. Estagiária: *“Fizeste isto com quem?”*

Participante 1: *“Com a minha prima”*

Prof. Estagiária: *“Estas palavras são o que vos unem? Há muito carinho, amizade ... Na tua Família?”*

Participante 1: *“Sim”*

Este Brasão não foi feito na folha A3 como tinha pedido, mas sim com a folha A3. A prima e a participante fizeram uma massa com a folha A3. O facto de a prima ter ajudado a participante mostra que entreajuda existe de facto nesta Família, e não se prende só aos Pais e Irmãos.

Observando a Figura 6 podemos verificar que está representada a Família nuclear, ou seja, os Pais e os Filhos. À sua volta estão os sentimentos que os unem. Esses sentimentos vivem ao redor desta Família. É extensível ao resto da Família, pois como os pais da participante 1 tiveram de emigrar, esta e o irmão ficaram ao encargo da Avó e restante Família.

Participante 2

Imagem 2 - Brasão de Família da participante 2



Esta participante não me soube explicar o que tinham desenhado. Observando a imagem, penso que a Família terá desenhado a azul o Brasão da Família do Pai e a vermelho o Brasão da Família da Mãe e, por baixo, centrado, está Sousa - o último apelido da participante 2. A minha interpretação leva-me a pensar que representaram a união, ou seja, as duas famílias uniram-se formando uma nova Família, a Sousa.

Participante 3

Imagem 3 - Brasão de Família do participante 3

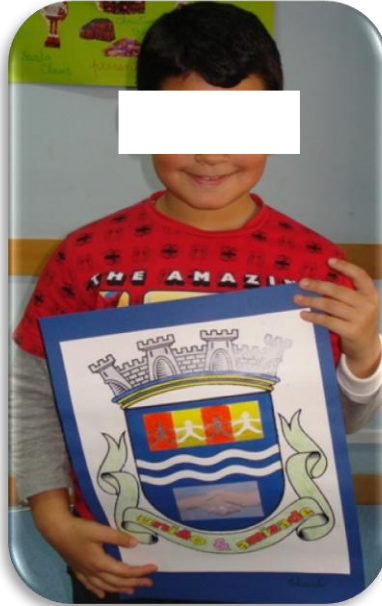


O representante 3 realizou o Brasão com a Mãe e o Irmão. Optaram por atribuir símbolos aos sentimentos que os representam a sua Família. Assim, o amor está representado através dos corações. O trevo que desenharam significa a sorte. A mão no centro significa a força e as asas dos seus dois lados significam a paz.

Através destes símbolos, penso que a Família deu a conhecer que unidos são mais fortes, que existe entre eles muito amor, sorte e paz.

Participante 4

Imagem 4 - Brasão de Família do participante 4



Este participante e a Família optaram por ter como base o Brasão da sua freguesia e adaptá-lo à sua Família. Sendo assim, o representante explicou que os símbolos vermelhos e amarelos representam o Pai, a Irmã, ele e a Mãe e escolheram as cores por serem alegres. O verde da fita significa a esperança. A imagem das mãos representa a união.

Participante 5

Imagem 5 - Brasão de Família do participante 5



O representante 5 explicou-me que a árvore significava a Família toda, ou seja, não se limitaram à Família nuclear. O sol representado no meio da árvore é o que dá vida à árvore e o Antunes que se pode ver no cimo da árvore é o apelido da Família.

Este Brasão demonstrou a importância dada à Família alargada.

Participante 6

Imagem 6 - Brasão de Família do participante 6



Este participante é filho de pais divorciados e fez o Brasão com o Pai. Explicou-me que as quatro torres do Brasão que vemos em baixo significam os quatro irmãos: ele, a sua irmã mais velha e os dois irmãos mais novos, gémeos, da parte do Pai. Quando o questionei acerca do elefante, ele explicou-me que o elefante foi sugestão sua.

Quadro 7 - Extrato de diálogo com o participante 6

Prof. Estagiária: *“Mas porquê o elefante?”*

Participante 6: *“O elefante é pesado.”*

Prof. Estagiária: *“E tu achas que a tua Família é pesada?”*

Participante 6: *“Sim, porque somos muitos.”*

Entendo que o participante, ao considerar que a sua Família é composta por muitas pessoas, refere-se aos meios-irmãos e à madrasta. Pode-se dizer que tem duas Famílias e, de facto, são muitos.

Participante 7

Imagem 7 - Brasão de Família do participante 7



A participante fez o Brasão com os Pais e o Irmão. Explicou-me que do lado esquerdo do Brasão que vemos na Figura 12 - azul, branco e vermelho – são as cores da bandeira da França porque o Pai é de ascendência francesa e as cores que vemos do lado direito representam a bandeira de Portugal, porque a Mãe e o Irmão são portugueses. O coração que vemos representa o amor que os une. As iniciais “H, S, L, I” correspondem às iniciais dos seus nomes - estas iniciais estão escritas num puzzle que significa a união. Os símbolos musicais representam o gosto de toda a Família pela música. A águia que se vê no cimo deve-se ao facto de serem todos benfiquistas.

Participante 8

Imagem 8 - Brasão de Família do participante 8



O participante começou por me explicar que a árvore significa a sua Família. As duas chaves que se veem na figura representam os pais e dentro do coração está o participante e o seu irmão. A cruz que se vê no cimo significa que a sua Família é cristã. As iniciais “Q” e “S” representam os apelidos da sua Família: Queirós e Sá. Por fim, explicou-me que fundo o verde significa a sua cor favorita, o azul a cor favorita do seu irmão e o vermelho a cor favorita dos seus pais.

Toda a sua Família participou na construção do Brasão.

Participante 9

Imagem 9 - Brasão de Família do participante 9



O participante explicou que o “M” representa a inicial do apelido da sua Família (Maciel). A tesoura e a linha (que não se percebem na imagem) representam a profissão da mãe, que é costureira. A lira representa o gosto pela música do seu pai, dele e do irmão. As iniciais “S, I, L, F” que vemos na imagem representam as iniciais dos nomes da sua Família. Por fim, as duas flores de liz (uma à esquerda e outra à direita) representam o seu irmão e ele.

Toda a Família participou na atividade.

Participante 10

Imagem 10 - Brasão de Família do participante 10



A participante descreveu-me o seu Brasão, da esquerda para a direita: o seu Pai, a participante, o seu irmão mais velho, a sua Mãe, o seu Irmão mais novo e a cadela. A participante fez o Brasão com toda a Família e foi o Irmão que quis colocar a cadela, mas o participante não sabia o porquê. Depois de uma conversa, chegou à conclusão que foi porque o Irmão gostava muito de animais e considerava a cadela como da sua Família.

Participante 11

Imagem 11 - Brasão de Família do participante 11



A participante descreveu o seu Brasão estando representados a participante, os Avós, os Pais, os Padrinhos e os Primos. Entre o Pai e a Mãe estava uma pomba que significa a paz. O centro do Brasão, círculo colorido, significa a união de todos.

Participante 12

Imagem 12 - Brasão de Família do participante 12



A participante e a sua Família desenharam no seu Brasão uma cegonha com três crias. As três crias representavam a participante, a sua Mãe e o seu Pai, sendo a cegonha o Avô. Os dois machados fazem alusão ao apelido da Família.

Participante 14

Imagem 13 - Brasão de Família do participante 14



A participante começou por explicar que as duas facas que se encontram dentro do símbolo triangular significa que nunca se irão separar. A águia representa o clube do qual a Família é adepta. A palavra “Amor” explicou que quer dizer que gostam todos muito uns dos outros. Por último, os três castelos que representam a participante e os seus dois irmãos.

Participante 15

Imagem 14 - Brasão de Família do participante 15



Este participante é o único aluno com NEE. Fez o seu Brasão com a Mãe. Perguntei-lhe o que significava a estrela, depois de algum tempo a pensar disse-me que representava a amizade. O laço, que vemos a vermelho na Figura 16, representa a união da sua Família.

Participante 16

Imagem 15 - Brasão de Família do participante 16



Este participante foi o único que não fez a atividade como eu pedi. Disse-me que fez com o irmão. Limitaram-se a ir à internet e imprimir o Brasão da sua freguesia e copiar a simbologia, que foi o que o participante leu para toda a turma. Confesso que não contava que este participante fizesse a atividade, pois através da cooperante fiquei a parte da realidade que o participante vive em casa. A sua Mãe não demonstra interesse na criança e viu-se por nem ter ajudado os filhos, nem que fosse algo simbólico como alguns fizeram. Esta criança é negligenciada pela Mãe.

Participante 17

Imagem 16 - Brasão de Família do participante 17



O participante e a sua Família através de bonecos. Da esquerda para a direita: o Pai, a Mãe, o participante e a sua avó. As duas mãos simbolizam a união. Houve colegas que perguntaram pelo Avô, pois sabem que ele tem Avô. Tive conhecimento, através da cooperante, que os Avós maternos se divorciaram e que a Mãe tomou o partido do Pai. Apesar do participante ter mais Família, praticamente só convive com os Pais e a Avó.

Participante 18

Imagem 17 - Brasão de Família do participante 18



O participante começou por explicar o significado da clave de sol, esta representa a parte do Pai, que está ligado a uma Banda de Música. Já do lado direito temos um mundo, que o participante disse ser do lado da Mãe e que representa a Família que têm em várias partes do Mundo.

Participante 19

Imagem 18 - Brasão de Família do participante 19



O participante descreveu as cruzeis à volta como representam a Família da Mãe. Os dois apelidos que se vê correspondem ao apelido da Mãe (o de cima) e ao apelido do Pai (o de baixo). No centro tem um pato e duas crias, que o participante disse ser a sua Mãe e dar de comer ao seu Irmão e a si. O Pai está representado pelo dragão. O que está desenhado à volta do dragão e dos patos significa a força que os une.

Participante 20

Imagem 19 - Brasão de Família do participante 20



O participante começou por explicar o centro do Brasão, onde se podem ver umas pequenas árvores que significam que o participante e a sua Família vivem no monte. Ao lado das árvores estão quatro bonequinhos que representam a sua Família, os Pais, o Irmão e o participante. O sol representa a felicidade e a flor a sorte.

Participante 21

Imagem 20 - Brasão de Família do participante 21



O participante começou por explicar os desenhos que estão sob o fundo azul. Nesse fundo, encontram-se quatro bonecos que correspondem à Família do participante e por baixo de cada um tem um desenho do que mais gostam. Da esquerda para a direita: o participante e por baixo dele têm uma bola, pois ele gosta de jogar futebol; segue-se a Irmã e o que ela mais gosta é de música, daí as claves de sol, de seguida está a Mãe, acompanhada por uma panela, pois ela gosta de cozinhar, e por fim, está o Pai, acompanhado por um computador, pois ele gosta de jogar no computador. O fundo azul representa o mar e o verde a natureza, pois são gostos da Família. Entre o azul e o verde, a amarelo, estão duas mãos dadas que representam a união e a força.

Esta atividade permitiu-me conhecer melhor cada Família e, mais importante do que isso, perceber o seu interesse em participar numa atividade em parceria com a Escola. De um modo geral, considero que a participação foi positiva, exceto o caso do participante 16. Todas as Famílias quiseram participar, mesmo que uns se tenham dedicado mais do que outros.

4.4. Inquéritos

A minha maior preocupação era de facto não aprofundar muito no que diz respeito a cada Família, pois não me queria “intrometer”. Trabalhar com as Famílias é bom e importante, contudo é preciso muito cuidado porque por vezes estamos a lidar com pessoas com realidades diferentes das nossas, visões e até mesmo culturas. Daí eu ter recorrido também aos inquéritos, tentando obter deles o máximo de informação possível.

Fiz três inquéritos, como já referi; dois às crianças e um aos Pais. É a análise desses inquéritos que irei apresentar em seguida, partindo individualmente do tratamento de cada uma das questões – começando pelas crianças e acabando nos Pais.

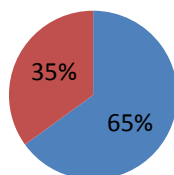
A criança na Família

Este inquérito permitiu-me saber qual a posição da criança na Família, qual a sua relação com os Pais, Irmãos e demais Família. Desta forma, começamos por perceber se as crianças conhecem os familiares mais próximos.

1. *Indica o nome*

Gráfico 7 - Relação com a Família mais próxima

- Indica o nome de todos os familiares
- Indica o nome apenas de alguns

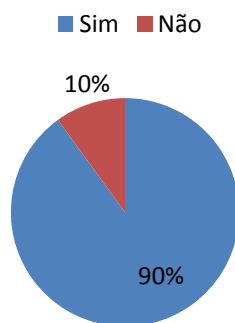


Analisando o Gráfico 7 podemos perceber que mais de metade da turma mostrou ter conhecimento da estrutura familiar e parentesco. A maioria dos alunos demonstrou ter conhecimento da Família mais próxima, nomeadamente, Pais e Avós.

De seguida, vamos ficar a saber qual a percentagem de participantes que tem Irmãos e qual a percentagem dos participantes que não tem.

2. *Tens irmãos?*

Gráfico 8 - Existência de irmãos



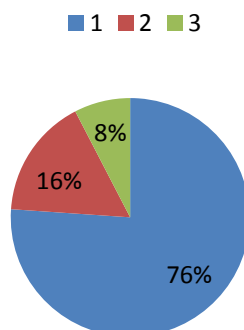
Analisando o Gráfico 8, podemos concluir que na turma predominam as Famílias com mais de um Filho. As Famílias com apenas uma criança são uma pequeníssima parcela, demonstrando uma conceção tradicional de Família, no quadro do funcionalismo existente no Minho.

Apesar de ser uma pequenina parcela, sabemos que a realidade é que num futuro próximo a tendência é para o aumento das Famílias apenas com um Filho.

Depois de verificarmos a existência de Irmãos, interessa saber a quantidade e é isso que vamos ver em seguida.

2.1. Quantos?

Gráfico 9 - Número de Irmãos

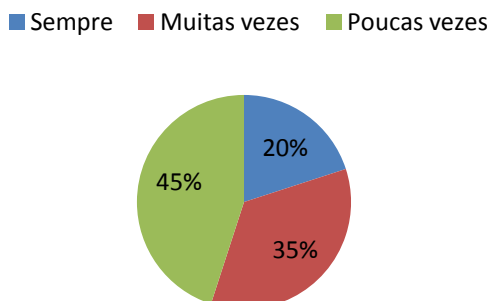


Analisando o Gráfico 9, concluímos que cerca de 75% dos Alunos apenas tem um Irmão. Existe um caso de um aluno que tem 3 irmãos. Este aluno é Filho de Pais divorciados; tem uma Irmã e dois meios-Irmãos gémeos.

Com a existência de Irmãos, por vezes, os Pais não conseguem dar atenção a todos os Filhos mesmo que quisessem. Por isso, achei importante perceber se havia momentos de brincadeira entre Pais e Filhos.

3. Os teus Pais costumam brincar contigo?

Gráfico 10 - Percentagem de Pais que brincam com os Filhos

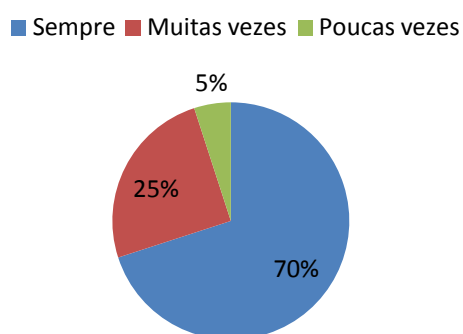


Analisando o Gráfico 10, podemos observar uma uniformidade dos dados, verificando-se poucas diferenças. Contudo, sobressaem os 45% que correspondem ao “Poucas vezes”. O “sempre” é o que menos percentagem tem. Desta análise podemos concluir que existirá um certo distanciamento da Família relativamente aos momentos de lazer. Provavelmente serão consequência da estrutura social e laboral, que imediatamente condiciona as Famílias.

E porque a vida não é só brincadeira, queria saber se os Pais ajudavam os Filhos nas tarefas da Escola, como é o seu papel.

4. Os teus pais ajudam-te nas tarefas da Escola?

Gráfico 11 - Percentagem dos Pais que ajudam nas tarefas da Escola



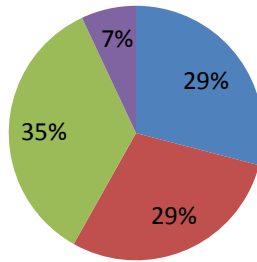
Através da análise do Gráfico 11, podemos observar que existe uma preocupação e apoio por parte dos Pais, no que refere à vertente educativa que, aliás, é transversal na instituição educativa onde desenvolvemos o estágio. Segundo os Filhos, os Pais não descuram o seu papel de responsabilidade educativa e apoio.

Com a mudança dos tempos mudaram as Famílias e hoje em dia ouve-se com frequência que “os Filhos mandam mais que os Pais”. Foi esse aspeto que procurei saber com a seguinte questão.

5. Quando os teus Pais têm alguma atitude que consideras errada, tu fazes algum comentário?

Gráfico 12 - Percentagem de “confiança” das crianças com os Pais

■ Sempre ■ Muitas vezes ■ Poucas vezes ■ Nunca



Analisando o Gráfico 12, podemos observar que existe uma divisão de sentimentos. Concluí que os Alunos demonstram uma visão pouco tradicional do seu papel enquanto Filhos, pondo em causa, amiúde, a autoridade paternal. Contudo, demonstram também uma grande necessidade de afirmação. Estes dados foram uma surpresa para mim, pois não esperava que as percentagens do “Sempre” e “Muitas vezes” tivessem o mesmo valor e bem próximo da percentagem do “Poucas vezes”. De facto, estes resultados são um reflexo de transformações profundas na estrutura familiar. Tempo em que os Filhos chamam a atenção aos Pais, tempo em que existe demasiada confiança e à vontade entre Pais e Filhos, diminuindo regras e equilíbrios.

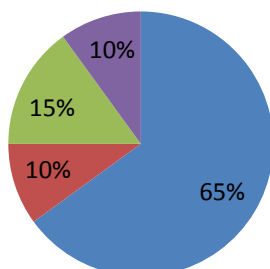
Para Javier Urria (2007), os Filhos de hoje são “pequenos ditadores”, talvez porque hoje em dia muitos considerem que são os Filhos que “mandam” nos Pais, exigindo e protestando contra a vontade dos mesmos (Urria: 2007).

Um fator importante para as crianças são os elogios que os Pais (e não só) lhes fazem, que consequentemente se irão transformar em confiança. Uma criança confiante será, certamente, alguém que sabe aquilo de que é capaz. E porque além de corrigir as atitudes é preciso também elogiá-las através da seguinte questão quis perceber qual o reforço positivo existente nesta turma.

6. Quando tu tens atitudes corretas, os teus pais elogiam-te?

Gráfico 13 - Percentagem de reforço positivo dos Pais para os Filhos

■ Sempre ■ Muitas vezes ■ Poucas vezes ■ Nunca



Analisando o Gráfico 13 podemos concluir que o feedback que existe entre estas crianças e os Pais é bastante positivo. É muito importante que os Pais elogiem os Filhos (quando for merecido). O facto de serem elogiados contribui para a sua autoestima e ajudará os Alunos a sentirem-se mais motivados, confiantes em si e capazes daquilo que podem fazer. Certamente, os resultados verificar-se-ão nas classificações obtidas pelas crianças.

A criança na comunidade

Este inquérito permitiu-me conhecer a forma como as crianças posicionam socialmente a sua Família, traduzindo o seu entendimento relativamente aos estatutos socioeconómicos e académicos dos Pais.

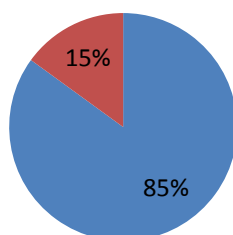
1. Qual é a profissão:

Do teu Pai: _____

Da tua Mãe: _____

Gráfico 14 - Percentagem dos Alunos que sabem a profissão dos Pais

■ Sabe as profissões dos pais
■ Não sabe as profissões dos pais

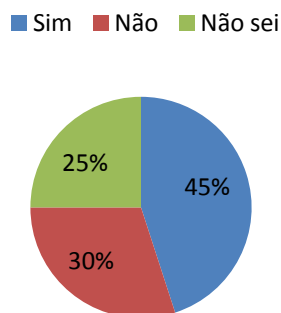


Analisando este gráfico podemos observar que grande parte dos alunos sabe a profissão dos seus pais, o que demonstra proximidade e interesse das crianças pelos Pais. Verifica-se aqui o diálogo existente nas Famílias em análise.

Achei interessante saber se os Alunos veem os Pais como uma referência, daí a seguinte questão.

2. Quando fores adulto gostavas de ser como os teus Pais?

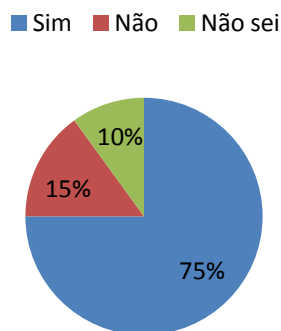
Gráfico 15 - Percentagem de Alunos que gostavam de ser como os Pais



Analisando o Gráfico 15 podemos concluir que quase metade da turma quer ser como os Pais. Contudo, estes resultados foram uma surpresa para mim. Pensava que a percentagem do “sim” seria maior pois, apesar de tudo, os Pais são uma referência para os seus Filhos. Agora iremos ver o conhecimento dos Filhos em relação ao estatuto académico dos Pais.

3. Gostarias de ter mais estudos do que os teus Pais?

Gráfico 16 - Percentagem de alunos que gostavam de ter mais estudos que os Pais



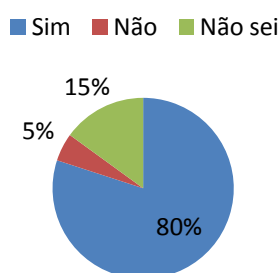
Analisando o Gráfico 16, podemos concluir que grande parte da turma deseja ter mais estudo do que aqueles que os Pais possuem. Este aspeto é interessante pois

grande parte dos Pais é bem escolarizada. Contudo, nota-se que os Alunos querem ir “além” dos Pais, demonstrando interesse pela sua valorização pessoal.

Depois do conhecimento relativamente aos estudos era interessante saber o conhecimento dos Alunos relativamente à profissão dos Pais.

4. Os teus Pais ocupam uma posição importante no local onde trabalham?

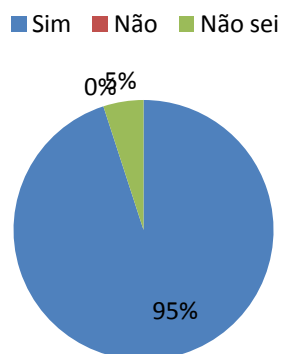
Gráfico 17 - Percentagem de Alunos que tem a noção da profissão dos seus Pais



Analisando o Gráfico 17, podemos concluir que, apesar dos alunos reconhecerem a profissão dos pais, estes não têm a noção da mesma. Não sabem o que, concretamente, os Pais fazem no seu trabalho. De seguida, iremos perceber se os alunos reconhecem o esforço que os Pais fazem por eles.

5. Achas que os teus Pais tentam dar-te sempre o melhor?

Gráfico 18 - Percentagem de Alunos que reconhecem o esforço dos Pais



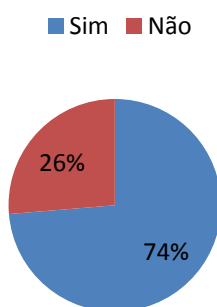
Analisando o gráfico 18, podemos concluir que os alunos têm a noção que os Pais fazem e lhes dão tudo o que podem. Mais uma vez se nota o reflexo positivo que os Pais têm nestas crianças. Talvez por reconhecerem o esforço dos Pais 45% dos Alunos dizem querer ser como os eles quando forem grandes.

Relações Escola, Família e Comunidade

Através deste inquérito pude “ouvir” os Pais, percebendo melhor as suas escolhas e opiniões.

1. A família é originária da freguesia onde se situa a Escola?

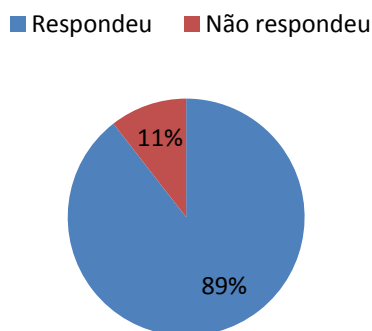
Gráfico 19 - Percentagem das Famílias originárias da mesma freguesia que a Escola



Analisando o Gráfico 19, podemos concluir que existe uma forte ligação das famílias ao meio local. As Famílias identificam-se com a freguesia e procuram educar as crianças no contexto local, de acordo com os valores e tradições do meio social.

2. O que os levou a escolher o CEB como estabelecimento de ensino do vosso educando/da vossa educanda?

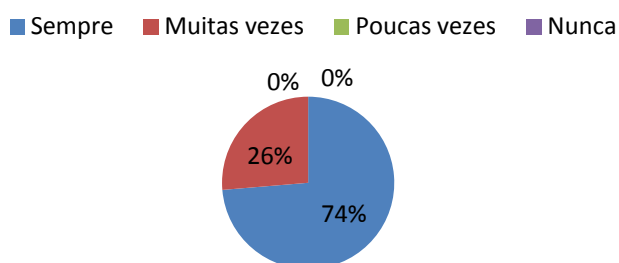
Gráfico 20 - Percentagem dos Pais que mencionou o motivo que os levou a escolher o CEB como estabelecimento de ensino dos seus educandos/das suas educandas



Analisando o Gráfico 20, podemos concluir que, felizmente, grande parte dos Pais mencionou o motivo da escolha, tendo a maioria referido o facto de ser a freguesia de origem da Família. Mais uma vez nota-se a identificação com a freguesia e com a identidade local, fator extremamente importante na construção da cidadania da criança.

3. Consideram que participam ativamente na vida escolar do vosso Filho/da vossa Filha?

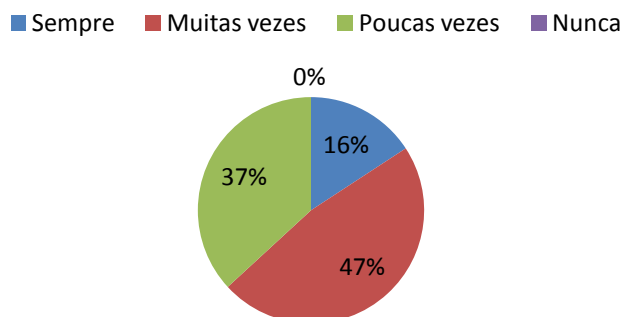
Gráfico 21 - Percentagem de Pais que considera participar ativamente na vida escolar dos Filhos/das Filhas



Analisando o Gráfico 21, podemos concluir que a grande maioria admite participar e acompanhar a vida escolar do seu educando/da sua educanda. Facto que é importante para o sucesso escolar do educando/da educanda. Existe uma ligação saudável entre os Pais, a Escola e os educandos/as educandas. Daí, a pergunta que se segue.

5. Com que frequência contactam a professora do vosso filho/da vossa filha?

Gráfico 22 - Percentagem de frequência de contacto entre os Pais e a Professora

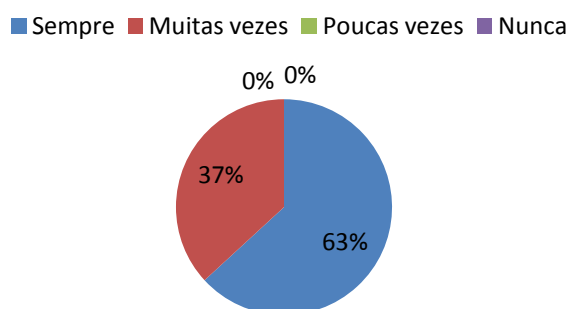


Analisando o Gráfico 22, podemos observar que os Pais demonstram grande interesse, mantendo um contacto regular com a Professora do seu educando/da sua educanda. Concluí que existe uma preocupação relativamente ao seu educando/à sua educanda e ao percurso que ele/ela vai fazendo ao longo do ano letivo.

Ajudar as crianças nas tarefas da Escola é um dos papéis que cabem aos Pais. Interessa, portanto, saber qual a frequência com que estes Pais ajudam as suas crianças.

5. Com que frequência ajudam o vosso filho/a vossa filha nas tarefas da Escola?

Gráfico 23 - Percentagem de Pais que ajudam com frequência o seu educando/a sua educanda nas tarefas da Escola

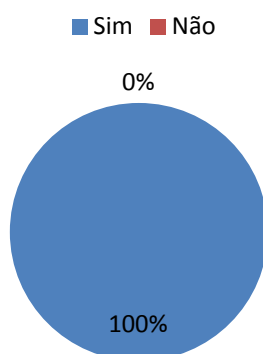


Analisando o Gráfico 23, podemos concluir que grande parte dos Pais demonstra preocupar-se em ajudar os Filhos com as tarefas. Demonstrando serem Pais que reconhecem o seu papel ativo na vida escolar dos Filhos

E, uma vez que reconhecem o seu papel ativo, agora iremos perceber qual a sua opinião relativamente à sua participação em atividades pedagógicas com os educandos/as educandas.

6. Consideram importante a realização de atividades pedagógicas na Escola com o vosso educando/a vossa educanda?

Gráfico 24 - Percentagem dos Pais que consideram importante participar em atividades pedagógicas na Escola com o educando

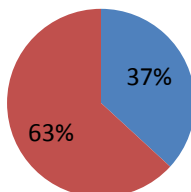


A esmagadora unanimidade destas respostas é o sinal claro da pertinência de projetos de pedagogia de ligação pedagógica entre a Escola e a Família. Após saber a opinião, e uma vez que se pretende a ligação pedagógica entre a Escola e a Família, era importante saber como a Família poderia contribuir em atividades pedagógicas na Escola.

6.1. De que forma poderiam contribuir na realização de atividades pedagógicas na Escola com o/a vosso/a educando/a?

Gráfico 25 - Percentagem dos Pais que deram sugestões de atividades pedagógicas

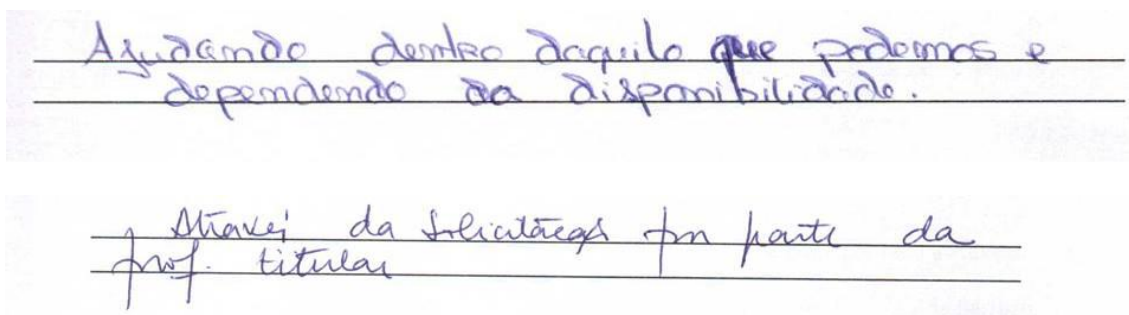
■ Respondeu ■ Não respondeu



Apesar da totalidade dos Pais terem considerado importante a realização de atividades pedagógicas na Escola em que pudessem participar com os educandos (Gráfico 24), uma percentagem considerável não deu sugestões. A maioria dos Pais que deram sugestões foram muito vagas e não sugeriu atividades pedagógicas.

Abaixo apresento duas das sete respostas que obtive.

Ilustração 3 – Dois exemplos de respostas dos Pais à questão

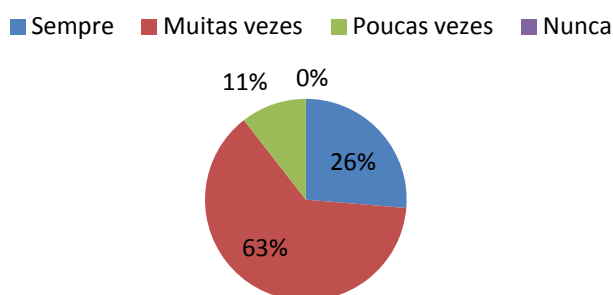


No primeiro caso, os Pais foram muito vagos e referem a disponibilidade como um entrave. Já no segundo caso, os Pais referem que apenas participam em atividades solicitadas pela Professora titular da turma. Concluí que os Pais acham importante, contudo, quando lhes é solicitada a participação parece que recuam um pouco, deixando em suspenso.

Depois de perceber qual a opinião dos Pais relativamente à sua participação em atividades pedagógicas na Escola, quis conhecer qual a sua participação em atividades em casa com os seus/suas Filhos/as.

7. Costumam participar nas brincadeiras do vosso Filho/da vossa Filha?

Gráfico 26 - Percentagem de Pais que admitem participar nas brincadeiras dos Filhos/das Filhas

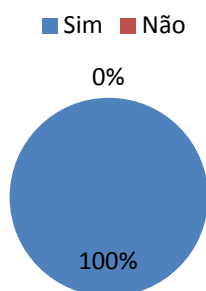


Analisando o Gráfico 26, podemos concluir que estes Pais admitem brincar com os seus filhos, demonstrando uma boa ligação da Família nos tempos de lazer. Contudo, comparando com o Gráfico 10, encontramos uma discrepância entre os pais e os filhos. Os Pais transmitem uma boa ligação com a Família nos tempos de lazer, já os Filhos dão a entender que existe um distanciamento nestes momentos.

Além da brincadeira, é também importante o acompanhamento nos trabalhos de casa dos filhos e é isso que trato em seguida.

8. Certificam-se, diariamente, se o vosso Filho/a vossa Filha realiza devidamente os trabalhos de casa?

Gráfico 27 - Percentagem dos Pais que se certificam diariamente se o Filho/Filha realizou os trabalhos de casa

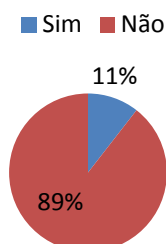


Analisando o Gráfico 27, podemos observar que a totalidade dos Pais diz certificar-se, diariamente, se o/a Filho/Filha realizou os trabalhos de casa. Contudo, enquanto estive nesta sala, no meu estágio, havia alunos que nem sempre faziam os trabalhos de casa. Havia o caso de um aluno que, durante o fim-de-semana, poucas vezes fazia os trabalhos de casa. Existia também uma Aluna que levava falta de trabalho de casa frequentemente.

Por ter detetado estes casos, queria saber qual a opinião dos Pais relativamente à responsabilidade da correção dos trabalhos de casa.

8.1. Consideram que a atividade de correção do trabalho de casa é apenas da responsabilidade da Professora?

Gráfico 28 - Percentagem de Pais que consideram a correção do trabalho de casa não só da responsabilidade da Professora



Analisando o Gráfico 28 podemos concluir que os Pais têm a noção que deve haver uma parceria educativa entre os Pais e a Professora. É importante os Pais terem esta noção, pois é fundamental para o sucesso da criança que os três envolvidos (alunos, pais e professora) estejam em boa cooperação.

4.5. Caracterização Socioeconómica da turma e o (in)sucesso escolar

Ao longo da minha investigação fui percebendo que existia uma linha muito ténue entre as características socioeconómicas dos participantes e o seu (in)sucesso escolar. Como tal, achei que era importante apresentar as características socioeconómicas dos participantes e os seus resultados escolares. Tentando, desta forma, estabelecer uma ligação entre os mesmos, nomeadamente nos casos mais extremos, quer de insucesso quer de sucesso escolar.

Tabela 7 - Caracterização socioeconómica dos participantes

Participantes		Pai		Mãe		Escalão
	NEE	Habilitações	Profissão	Habilitações	Profissão	
1		3º Ciclo	Camionista	3º Ciclo	Cabeleireira	
2		2º Ciclo	Canalizador	2º Ciclo	Costureira	
3		2º Ciclo	Vendedor	2º Ciclo	Florista	B
4		Mestrado	Professor	Ensino Secundário	Assistente Administrativa Escolar	
5		2º Ciclo	Operário de Construção Civil	2ª Ciclo	Padeira	A
6		Licenciatura	Contabilista	Licenciatura	Professora	
7		Ensino Secundário	Desenhador	3º Ciclo	Gerente	
8		Licenciatura	Professor	Licenciatura	Protésica Dentária	
9		2º Ciclo	Comercial	2º Ciclo	Costureira	B
10		1º Ciclo	Pedreiro	2º Ciclo	Doméstica	A
11		Ensino Secundário	Operador Industrial	3º Ciclo	Cozinheira	
12		3º Ciclo	Operário Fabril	Licenciatura	Assistente Técnica	
13		1º Ciclo	Trolha	Analfabeta	Doméstica	A
14		3º Ciclo	Comerciante	2º Ciclo	Cabeleireira	B
15	x	2º Ciclo	Empregado de agência funerária	3º Ciclo	Doméstica	A
16				2º Ciclo	Doméstica	A
17		3º Ciclo	Sapador florestal	3º Ciclo	Doméstica	B
18		Licenciatura	Contabilista	Licenciatura	Contabilista	

A importância da participação parental na vida escolar da criança

19		2º Ciclo	Carpinteiro	Ensino Secundário	Assistente Técnica	B
20		Licenciatura	Técnico de Contas	Licenciatura	Administrativa	
21		2º Ciclo	Metalúrgico	Licenciatura	Escriturária	

Tabela 8 - Resultados escolares dos participantes³

Participantes	1º Período				2º Período			
	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Expressões	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Expressões
1	S	NS	S	S	S	NS	S	S
2	S	NS	S	S	S	NS	S	S
3	S	S	SB	S	S	S	SB	S
4	SB	S	SB	SB	S	SB	SB	SB
5	S	NS	SB	S	S	S	S	S
6	SB	EX	EX	S	SB	EX	EX	S
7	SB	S	SB	SB	SB	SB	SB	SB
8	SB	SB	EX	S	SB	EX	EX	S
9	S	NS	S	S	S	NS	S	S
10	S	NS	SB	S	S	S	SB	S
11	S	SB	EX	SB	S	SB	EX	SB
12	NS	NS	S	SB	S	NS	S	SB
13	S	NS	S	S	NS	NS	NS	S
14	S	S	S	SB	S	S	S	SB
15	SB	S	S	SB	S	S	S	SB
16	NS	FR	NS	S	NS	NS	NS	S
17	S	S	S	S	S	S	S	S
18	SB	EX	EX	SB	SB	EX	EX	SB
19	S	S	SB	SB	S	S	SB	SB
20	SB	SB	EX	S	SB	EX	EX	S
21	S	S	SB	SB	S	S	S	SB

Legenda:

NS – Não Satisfaz;

FR – Fraco;

S – Satisfaz;

SB – Satisfaz Bastante;

EX – Excelente.

Após a observação dos resultados dos participantes, que se encontram na Tabela 8, verificamos que existem quatro casos que se destacam: três pela negativa e dois pela positiva. Como casos mais preocupantes de insucesso temos a situação do

³ Estes dados foram cedidos pela Professora Cooperante. Apenas considerei os resultados do 1º e 2º Períodos por ser a altura em que decorreu o estágio.

participante 13 e do participante 16. Destacam-se no sucesso escolar o participante 6 e o participante 18.

De seguida, irei abordar cada caso em particular.

Participante 13

O participante 13 é, como já referi, o que depois das férias de natal não regressou à Escola até o final do meu estágio. Contudo, soube através da Professora Cooperante no final do ano letivo, que regressou à Escola. Este participante tem descendência de etnia cigana da parte da Mãe.

Analisando a situação socioeconómica da Família deste participante (Tabela 7) verificamos que os seus Pais têm muito poucas habilitações, sendo que a Mãe nem sabe ler nem escrever. É um participante que usufrui de escalão A, e tendo em conta os restantes aspetos, recursos económicos não abundam nesta Família. Apesar de este participante não ter realizado a 3ª atividade e os inquéritos percebi, através da Professora Cooperante, que os Pais não têm um papel ativo na vida escolar do mesmo. Sabemos que a etnia cigana se rege por princípios diferentes dos nossos, talvez por isso a Escola seja posta um pouco de parte, não sendo uma prioridade.

Tendo por base a literatura consultada, concluo que o insucesso escolar deste participante se deve a causas socioeconómicas da Família à qual pertence.

Participante 16

Como já referi também, este participante é negligenciado pela Mãe. Foi o único que na 3ª atividade não trouxe o Brasão com simbologia da sua Família.

Analisando a Tabela 7 verificamos a situação socioeconómica da sua Família. Este participante não conhece o Pai, é filho de Pai incógnito. A Mãe é doméstica, apesar de ter o 2º Ciclo. O participante usufrui também, como a participante 13, de escalão A, os recursos económicos não são muitos. Em conversa com a Professora Cooperante, sei que a Mãe tem outras prioridades que não os Filhos, gerindo mal o

recursos económicos, tendo inclusive a Professora Cooperante fornecido ao Aluno alimentos. Enquanto estagiei, mais no final, tanto eu como a minha colega de estágio como a Professora Cooperante chegamos à conclusão que o participante não era bem alimentado, chegando certamente a ir para a Escola com fome. Ora, este aspeto em nada contribui para o seu rendimento escolar.

Tal como o participante 13, atribui-o o insucesso escolar deste participante à situação socioeconómica da sua Família.

Participante 6 e 18

Partindo da análise da situação socioeconómica destes dois participantes, através da Tabela 7, verificamos que o grau de habilitações dos seus Pais é a licenciatura e não usufruem de escalão Desta forma, estes participantes têm uma boa situação socioeconómica familiar - o oposto dos participantes 13 e 16.

Mais uma vez, posso concluir que a situação socioeconómica da Família destes participantes influencia o seu percurso académico, mas nestes dois casos, positivamente.

Um caso curioso do qual me apercebi é que olhando para as duas tabelas (7 e 8), nomeadamente, para as habilitações dos Pais e para os resultados escolares das crianças, os participantes que apresentam são aqueles em que o Pai e a Mãe têm o grau de licenciatura (caso dos participantes: 6, 8, 18 e 20). Existe apenas a exceção do participante 4 em que o Pai possui Mestrado e a Mãe apenas o Ensino Secundário.

Interessante também é o facto de que a Mãe do melhor aluno da turma, o participante 18, é Presidente da Associação de Pais. Tendo, por isso, um papel bastante ativo na vida escolar do participante.

4.6. Conclusões

Sendo o (in)sucesso escolar um tema sempre em voga e o seu combate uma preocupação da Escola, importa então saber qual o papel dos Pais para a sua resolução. Concluída a análise de todos os dados que suportam neste estudo, existem alguns aspetos que destaco, pela importância que legam às conclusões apresentadas.

Os casos de insucesso que destaquei, nomeadamente do participante 13 e 16, mostraram-se coerentes ao longo do estudo. Isto é, a falta do papel ativo das suas Famílias, assim como a caracterização da situação socioeconómica das mesmas e os seus resultados escolares, mostrou a relação estreita com o (in)sucesso escolar. Pude confirmar comparando as Famílias destes dois participantes com as Famílias dos participantes com melhores resultados: Famílias socioeconómicas mais favoráveis e com um papel ativo na vida escolar dos Filhos resultam em Alunos com melhores resultados escolar. Comparando os inquéritos realizados às crianças e aos seus Pais, pude concluir que, apesar de uma ou outra exceção (que considero normal), houve uma correspondência entre dados - o que nos mostra que crianças e Pais estão em harmonia nas suas considerações. As crianças participantes neste estudo mostraram um bom sentido de Família, reconhecendo a sua importância e mostrando que, no geral, existem afetos e fortes laços que unem Pais e Filhos. Relativamente à atividade realizada com os Pais, concluí que, exceto o caso do participante 16, os Pais destas crianças interessam-se por participar e estão disponíveis. Claro que neste aspeto a Escola também tem o seu papel.

Penso que uma das questões subsidiárias (em que é questionada a importância da participação dos Pais na vida escolar do Filho) é colateral a todo o estudo e é perceptível o quanto essa participação ativa é importante. Pais que acompanham o percurso dos Filhos sabem quais as dificuldades que estes possuem e procuram superá-las, ajudando-os em tudo o que podem. Pais que se interessam pelo sucesso dos Filhos procuram a Professora Titular e juntos cooperam para o melhor da criança. A relação Família-Escola tem enormes potencialidades educativas. Contudo, a Escola também tem o seu papel e, além dos Pais terem de se aproximar da Escola, a Escola também tem de os “cativar”. Usando a imaginação, a Escola deve procurar realizar

atividades em parceria com os Pais ou nas quais seja importante a sua colaboração e a sua participação fundamental. Só desta forma, em união, se poderá obter o sucesso, afinal “a união faz a força”.

Procurando responder à questão central deste estudo, os Pais, não só podem como devem, ser estreitos parceiros da Escola na consolidação das aprendizagens. Como? Uma forma muito simples é ajudar nas tarefas de casa - quando digo ajudar, não digo fazer por eles (Atenção!). Quando estive em estágio, já fazia parte das rotinas da turma, todas as sextas-feiras levarem “o problema da semana” para realizarem com a Família. O que acontecia com frequência é que os Alunos realmente faziam com a Família mas muitos só traziam os resultados e não sabiam explicar como os obtiveram - isto não é ajudar nas tarefas da Escola. Além das tarefas da Escola, os Pais podem ajudar na consolidação das aprendizagens que os Alunos adquirem, interessando-se pelo que aprenderam e usando a imaginação para relembrar as aprendizagens efetuadas. Os Pais também podem, e devem, contribuir para o crescimento do conhecimento e cultura dos Alunos. Bem sei que os recursos económicos pesam um pouco nestes aspetos, mas penso que hoje em dia existe tanta cultura que nos é oferecida que não há assim tantas desculpas. Existem muitas bibliotecas com diversas atividades para crianças, já para não falar no acesso aos livros e outros recursos. Aquando da Revisão da Literatura, deparei-me com estudos que foram realizados também em Portugal, mencionados por Martins, A. (1991), que estabeleciam uma ligação entre as condições socioeconómicas da Família e o (in)sucesso escolar. Também no meu estudo deparei-me com esta linha ténue - sobretudo nos casos mais preocupantes de insucesso escolar. Segundo Martins, A. (1991) são os grupos étnicos que apresentam as taxas de insucesso mais elevadas, o que é o caso do participante 13. Questões culturais falaram mais alto e levaram a Mãe desta criança a tirar-lhe a liberdade de frequentar a Escola, não tendo regressado à Escola depois das Férias do Natal. Relativamente ao outro caso dos mais importantes de insucesso escolar, o do participante 16, na minha opinião são mais os aspetos de Educação e Cultura a que a Mãe teve acesso, juntando os aspetos económicos a agravar. Trata-se de uma Mãe que negligencia os Filhos, que se preocupa mais com o seu bem-estar do que propriamente com o dos Filhos. Para mim, um Filho reflete os Pais e a Educação que

recebeu. Se um Filho é criado neste ambiente, em que escasseiam os valores, mais tarde vai ser o reflexo desse ambiente.

A sociedade atual encontra-se numa grave crise de valores. A instituição da Família sofreu enormes alterações nas últimas décadas. O tempo avança a passos largos e as relações humanas deterioram-se à velocidade do tempo. As novas tecnologias trouxeram aspetos bastante positivos mas também apresentaram consequências, que se verificaram também nas relações interpessoais. Hoje em dia, são várias as notícias de Pais que fazem mal aos Filhos e vice-versa. Familiares que se atacam por dinheiro, mesquinhices. Ouço e vejo pessoas a reclamarem dos maus tratos que as pessoas fazem aos animais e penso: “Se os humanos são capazes de fazerem mal a pessoas do próprio sangue porque ainda se admiram que façam mal a animais?”. Claro que isto é outro assunto, mas quando as pessoas que se permitem serem Pais e dão a oportunidade a um ser de nascer e crescer, devem ter ciente que a partir daquele momento tem alguém que depende de si. Alguém que não sabe o que a espera e conta com a sua proteção e ajuda para enfrentar o desconhecido. Na minha opinião, os Pais devem fazer o que está ao seu alcance para apoiar o seu Filho. A criança tem dificuldades em alguma matéria e os Pais não sabem? Entrando em contacto com a/o Professor/a e esclarecendo as suas dúvidas já podem ajudar o seu educando.

Uma das minhas questões subsidiárias recaí sobre a forma como os Pais se poderão aproximar da Escola, então faço de seguida algumas sugestões. No meu entender, cabe à Escola ser o elo de ligação e promover a relação Escola-Família, como tal, deve procurar ao máximo o envolvimento dos Pais em atividades no espaço escolar. Não só nas festividades do Natal ou final do ano letivo. Existem muitas outras coisas que a Escola pode promover. Por exemplo, criar a semana da Família, semana onde ocorrem várias atividades na Escola para Pais, Filhos e até Avós. Na minha PES I, no dia dos Pais e no dia das Mães faziam sempre uma pequena festinha em cada sala, com os Pais e Mães. Confesso que não esperava tanta adesão dos Pais, mas fui surpreendida, felizmente! Existem vários dias em que se assinalam diversas coisas, como o dia da árvore, etc. São dias em que se podem criar atividades na Escola para Pais e Filhos. Outra sugestão é a Escola criar atividades que, em casa, chamem os Pais

a trabalharem com os Filhos. Um bom exemplo dessas atividades são os trabalhos de casa, contudo existem outras coisas que se podem fazer, por exemplo, um “desafio semanal” abrangendo a Matemática, a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio. São apenas algumas sugestões da minha parte para que se fortaleça a comunicação e entreajuda entre a Escola e a Família. Através destas sugestões os Pais podem aproximar-se da Escola, mas também é importante que os Pais sejam ativos e eles próprios façam sugestões e participem em decisões juntamente com a Escola, tomando assim iniciativa e mostrando interesse.

Agora que apresentei algumas sugestões, importa responder a uma outra questão subsidiária com a qual se pretende apresentar as potencialidades educativas da relação Escola-Família. Penso que uma boa relação Família-Escola tem mais do que óbvio uma enorme potencialidade educativa: o sucesso da criança. Trabalhando lado a lado em prol da criança, proporcionará à criança melhor condições, além de educativas, emocionais. Estando a trabalhar em sintonia, a Escola poderá dar uma melhor resposta às necessidades educativas da criança em questão. Quem melhor do que os Pais para conhecerem os seus Filhos?! Considero que também faz parte da obrigação da Escola chamar a atenção dos Pais quando estes são negligentes em vários aspetos. Desta forma, penso que é inquestionável a importância da participação ativa dos Pais na vida escolar da criança.

Relativamente ao inquérito que foi solicitado aos Pais da turma, foi perceptível que estes se limitaram a responder o “politicamente correto” em algumas questões. Uma das questões mais óbvias é a dos trabalhos de casa. Quando questionei os Pais se diariamente verificavam se os Filhos tinham realizado os trabalhos de casa o “sim” foi a resposta unânime. Contudo, quase todos os dias havia alunos que tinham falta de trabalho de casa. Outro aspeto que eu achei interessante foi quando questionei acerca da importância da sua participação em atividades pedagógicas na Escola com o educando, a esmagadora maioria considerou, de facto, importante. Mas, quando perguntei de que forma é que poderiam participar na realização de atividades, cerca de 40% dos Pais não respondeu. Os que responderam limitaram-se a referir o óbvio.

Concluo que existem diversas formas dos Pais serem parceiros na consolidação das aprendizagens, quer em parceria com a Escola ou não. Contudo, depende deles,

dos objetivos que tem para os filhos e da sua consciência relativamente aos seus deveres como Pais. Espero, sinceramente, que crianças como o participante 16 tenham a sorte de encontrar pelo caminho pessoas que lhes demonstrem que existem realidades melhores do que aquelas que viveram, mesmo que os recursos económicos não sejam abundantes.

4.7. Bibliografia consultada

AZEVEDO, Diana (2012). *A constituição da Família em crianças de idade Pré-Escolar: Estudo de caso*. Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico, Viana do Castelo, Portugal

ARIÈS, Philippe (1975). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara S.A.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação: a introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora

BURGUÏERE, APISH – ZUBER, SEGALEN & ZONABEND (1999). *História da Família – IV Volume, O Ocidente: Industrialização e Urbanização*. Lisboa: Terramar

CACHADINHA, Manuela (2005). *Apresentação multimédia sobre a temática da Família na unidade curricular de Didática do Meio Social*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico

COSTA, Cláudia (2012). *Pensar a diversidade étnico-cultural a partir do Jardim de Infância*. Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico, Viana do Castelo, Portugal

CRAHAY, Marcel (1996). *Podemos lutar contra o insucesso escolar?* Lisboa: Instituto Piaget

DAVIES, Ron; MARQUES, Ramiro; SILVA, Pedro (1996). *Os Professores e as Famílias: a colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte

DIEZ, Juan J. (1998). *Família – Escola, uma Relação Vital*. Porto: Porto Editora

EDUCAÇÃO, Ministério da (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação

EDUCAÇÃO, Ministério da (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica

EDUCAÇÃO, Ministério da (2010). *Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar e 1º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação

EDUCAÇÃO, Conselho Nacional de (2012). *Estado da Educação 2012. Autonomia e Descentralização*. Editorial do Ministério da Educação e Ciência

FORQUIN, Jean C. (1990). *Sociologia da Educação: Dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.

GARCIA, Helena S.; PAULO, Maria L. (1990). *Os irmãos: convivência, rivalidade e solidariedade na família*. Porto: Porto Editora

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. (2003). *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

GRILO, Eduardo M. (2010). *Se não estudas, estás tramado*. Lisboa: Tinta da China

LEANDRO, Maria E. (2001). *Sociologia da Família nas sociedades contemporâneas*. Universidade Aberta

MAIA, Luís (2012). *E tudo começa no berço!*. Lisboa: Pactor

MARTINS, António M.; CABRITA, Isabel (1991). *A problemática do insucesso escolar: insucesso escolar e apoio sócio-educativo: a problemática do insucesso educativo em Matemática no 3º ciclo do ensino básico*. 2ª Edição. Aveiro: Universidade de Aveiro

MORAIS, Ana M; NEVES, Isabel P.; MEDEIROS, Ana; PENEDA, Dulce; FONTINHAS, Fernanda; ANTUNES, Helena (s.d.) *Sociologia Primária e Prática Pedagógica: Volume II Análise de Aprendizagens na Família e na Escola*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

MUSGRAVE, P. W. (1984). *Sociologia da Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

PICOULT, Jodi (2009). *Frágil: Tudo pode quebrar. Mas algumas coisas doem mais do que outras*. Porto: Civilização Editora

PINTO, Conceição A. (1995). *A sociologia da escola*. Alfragide: McGraw-Hill

PIRES, Eurico L.; FORMOSINHO, João; FERNANDES, A. Sousa (1991). *A construção social da educação escolar*. Alfragide: Edições ASA

RIBEIRO, Manuela M. (2010). *Edmar, o passarinho Albino*. EBITDA Books

SAMPAIO, Daniel (2002). *Inventem-se Novos Pais*. Alfragide: Editorial Caminho

SEABRA, Teresa (1999). *Educação nas Famílias: etnicidade e classes sociais*. Braga: Instituto de Inovação Educacional

SEGALEN, Martine (1999). *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar

SOUSA, Maria J.; BAPTISTA, Cristina S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios. Segundo bolonha*. Lisboa: Pactor

URRA, Javier (2007). *O pequeno ditador: da criança mimada ao adolescente agressivo*. Lisboa: A Esfera dos Livros

VIEIRA, Ricardo (1998). *Entre a escola e o lar: o curriculum e os saberes da infância*. Lisboa: Fim de Século Edições

Legislação consultada:

Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto (Lei de Bases do Sistema Educativo)

Web grafia

A dimensão social da educação: A. Sousa Fernandes por Alice Mendonça. *Universidade da Madeira* [online]. 2010 [citado 2013-07-16]. Disponível em:
<<http://www3.uma.pt/alicemendonca/conteudo/actividadelectiva2S/cl3.pdf>

A Educação na luta contra a exclusão e pela democracia: Manuel Tavares conversa com Ana Benavente. *Rev. Lusófona de Educação* [online]. 2010, n.16 [citado 2013-07-06], pp. 133-148 . Disponível em:
<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502010000200011&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1645-7250.

A etnografia enquanto método, um modo de entender: Carlos Fino. *Universidade da Madeira* [online]. (s.d.) [citado 2013-07-16]. Disponível em:
<<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>

Censos 2011. *Instituto Nacional de Estatística* [online]. 2011 [citado 2013-06-17]. Disponível em:
<http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao.

Envolvimento Parental na Escola e Ajustamento Emocional e Académico: José Canavarro; Ana Pereira; Maria Canavarro; Maria Reis; Maria Cardoso e Denisa Mendonça. *ESSE João de Deus* [online]. (2005) [citado 2013-09-20]. Disponível em: <<http://www.esse-jdeus.edu.pt/projectoepe/sug/sugestoes.html>

INE. Taxa de desemprego sobe para valor recorde de 17,7%. *Dinheiro Vivo*. [online] (s.d.) [citado 2013-07-05]. Disponível em: <<http://www.dinheirovivo.pt/Economia/Artigo/CIECO156410.html>

Capítulo IV

REFLEXÃO GLOBAL SOBRE O PERCURSO REALIZADO NA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA (PES I E PES II)

Desde que me conheço que sempre quis ser Educadora de Infância. Talvez tenha sido influência por ter vivido parte da minha infância em contacto com uma Educadora, certo é que quando me perguntavam o que eu queria ser quando fosse grande, eu respondia: “Quero ser Educadora!”. Hoje, quando olho para uma criança admiro a sua alegria de viver, a sua simplicidade e, sobretudo, a sua ingenuidade. Acho que o que adoro mesmo é a ingenuidade das crianças. É tão cativante e enternecedor!

As minhas escolhas para alcançar o meu objetivo começaram cedo. Aquando da entrada no Ensino Secundário, foram-me apresentadas várias áreas, umas com um futuro mais promissor do que outras, mas eu, sem dúvidas, escolhi a área das Ciências Sociais e Humanas. Porquê? Porque era aquela que mais se indicava para o que eu queria ser ... quando fosse grande. Quando terminei o Ensino Secundário e tive de tomar a verdadeira decisão para o meu futuro, mais uma vez, não tive dúvidas. Contrariando o meu Pai e o meu Irmão, preenchi quase todas as opções com “Licenciatura em Educação Básica”, apenas preenchi a última opção com “Solicitadoria” (sabia que não havia possibilidade de entrar neste curso). Quando entrei, e nos três anos que frequentei a Licenciatura, nunca me arrependi - mesmo quando tinha de ouvir dos outros que “Ser professor não tem futuro”, etc. Respondia que tínhamos de seguir o que gostamos, sonhamos e formarmo-nos naquilo de que gostamos realmente. Afinal, tudo tem solução. Foi pela possibilidade de abranger mais hipóteses de emprego que optei pelo Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, ao invés do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Sempre “torci o nariz” ao 1º Ciclo, pois a minha paixão era mesmo os pequenitos. Contudo, foi a experiência proporcionada pela PES I e PES II que fez com que eu mudasse de opinião relativamente ao 1º Ciclo. A PES I e II foram das melhores coisas e mais importantes que aconteceram na minha formação. Ao longo da licenciatura sempre ansiamos pelo contacto direto com as crianças e, assim, ganhar experiência. Nesse aspeto o Mestrado superou tudo. Através da PES I e PES II tivemos a tão desejada experiência de sermos Educadores/Professores de uma sala. Primeiro, tivemos oportunidade de conviver com crianças de três/quatro anos, durante dez semanas. Semanalmente, deslocávamo-nos às escolas que cooperavam connosco, três dias completos (segunda, terça e quarta-feira), em pares pedagógicos, para desenvolver a nossa prática pedagógica. Todo o

trabalho era pensado e preparado previamente, o que por vezes se tornava complicado de conciliar. No meu caso, o trabalho em pares foi muito gratificante. Tive sorte com a minha colega de estágio, sei que eramos das poucas que trabalhávamos realmente em equipa. Tenho boas memórias das horas e horas que estávamos juntas a planificar as atividades que uma de nós ia desenvolver. Quando o cansaço se fazia sentir, uma apoiava a outra e, no final, conseguimos. O mesmo aconteceu na PES II, neste caso já numa turma do 3ºano. Além do acompanhamento da colega de estágio - que como já referi, foi muito importante - também o acompanhamento que obtivemos dos professores da PES II foi muito importante. Tenho consciência disso e sei que poucas, ou quase nenhuma, fazem acompanhamento na prática pedagógica como nós tivemos.

Planificar é, talvez, a palavra de ordem da PES I e II. Planificar permitiu-nos - a mim e ao meu par de estágio - estruturar e organizar todo o trabalho que pretendíamos fazer com as crianças. Obrigava-nos a refletir frequentemente sobre o que queríamos que as crianças retivessem das atividades e que fossem adequadas às suas idades. Sempre que pensávamos em atividades antevíamos o que iria acontecer e quais os recursos que iríamos necessitar. Durante as planificações tivemos várias “bíblias”. Na Educação Pré-Escolar, orientamo-nos muito pelas “Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar”, do Ministério da Educação. Já para o 1º Ciclo, recorremos aos vários programas (também do Ministério). Refletir foi outra das coisas que mais fizemos na PES I e II, a par de planificar, pois tudo o que fizemos era refletido previamente. Antes de definirmos as atividades, refletíamos sobre as mesmas, as suas potencialidades e, sobretudo, a sua adequação ao grupo de crianças. Refletíamos antes e depois das implementações. Esta reflexão, após as implementações, permitiu-nos avaliar o que tínhamos feito, de forma a perceber outras maneiras de fazer o mesmo ou mesmo que aquela atividade não se adequava. Uma coisa é o que nós pensamos e outra é o que acontece na realidade. Penso que nos primeiros tempos era mais difícil planificar e pensar em atividades adequadas. Com o tempo fomos “ganhando calo”, era mais fácil planificar e adequar as atividades às crianças. A PES I e II proporcionaram um maior e melhor aprofundamento do nosso futuro profissional. Foi um pequeno passo que demos no longo caminho que ainda

temos pela frente. Cresci pessoal e profissionalmente, mas sei que ainda tenho muito para aprender e superar. Tentámos sempre realizar atividades em que as crianças estivessem envolvidas e fossem motivadas a participar. Contudo, nem sempre fomos bem-sucedidas, pois verificaram-se algumas falhas. Mas estas falhas fazem parte da aprendizagem. Tentei sempre aprender com os meus erros e fazer melhor na próxima oportunidade. Agora que acabei esta fase da minha vida penso que poderia ter feito mais e melhor, mas realmente o tempo tornou-se pouco. Porém, sei que foi apenas uma linha escrita no longo livro que ainda tenho para escrever na minha vida. Tenho muito para aprender e muito para mostrar. Estas experiências que me foram proporcionadas permitiram-me criar uma bagagem e enriquecê-la um pouco. Ganhei mais confiança em mim, mais capacidades para fazer um bom trabalho e, sobretudo, evoluir.

A relação que mantive com as crianças, quer as do Jardim de Infância quer com as crianças do 1º CEB foram bastante boas. No que diz respeito às relações com a Educadora Cooperante nem sempre foi o que gostaria que tivesse sido. Penso que houve ocasiões em que nos dificultou um bocado a vida e tornava-se difícil agradar-lhe, no entanto, apesar de nem sempre ter sido bom, acredito que aprendi com esta situação porque retirasse sempre algo positivo das situações menos boas. Felizmente, a relação com a Professora Cooperante correu bastante melhor. Fez-me sentir apoiada e acompanhada devidamente. Fez muitas sugestões que aceitamos de bom grado e senti-me sua colega e não apenas uma estagiária. Foi muito bom para mim a boa relação com a Professora Cooperante pois, como já referi, o 1º CEB não me agradava tanto como agradava o Pré-Escolar.

A PES I E II Foram muito importantes para a minha informação, como já referi. É no terreno que nos é dada a oportunidade única de nos encontrarmos com a realidade e nos confrontarmos com ela. Desta forma, o professor poderá refletir sobre a sua missão, o seu papel nessa realidade. É no terreno que o Educador/Professor perceber que a sua aprendizagem nunca termina. Um Educador/Professor terá sempre que estar atualizado e acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade e escolas. Tenho consciência que o meu crescimento profissional será feito ao longo da minha

vida, do meu percurso, tendo como meta o desenvolvimento das minhas competências e capacidades pedagógicas.

Relativamente à relação com o meu par de estágio considero que, como já referi, não podia ter sido melhor. Nunca tinha trabalhado com a Cristina – não fomos da mesma turma na licenciatura. Conhecia-a, mas não éramos próximas. Naturalmente, estava reticente no início (como ela também deveria estar), pois estagiar com alguém que não conhecemos bem, nem nunca trabalhamos, poucas vezes tem bons resultados. Acontece que foi uma agradável surpresa. Trabalhamos sempre em grupo, houve sempre cooperação, compreensão e entreajuda. Penso que a nossa boa relação foi visível e revelou-se no trabalho que realizámos. Gostei muito de trabalhar com a Cristina e conhecê-la melhor.

Por fim, neste momento, a todos os que se formam em Educação, resta-nos manter a esperança e ter fé, de que brevemente iremos pôr em prática tudo o que aprendemos nestes últimos anos e aprender ainda mais com as crianças!

ANEXOS

ANEXO 1 – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS PAIS PARA A PARTICIPAÇÃO DOS EDUCANDOS NESTA INVESTIGAÇÃO

Exmo.(a) Sr.(a) Encarregado(a) de Educação

Sou aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. No âmbito da tese de mestrado, realizarei um estudo que tem como objetivo compreender como os pais podem ser parceiros da escola e salientar a importância da sua participação ativa na vida escolar do(s) filho(s).

O estudo será desenvolvido durante o meu estágio no 1º ciclo, na turma E do 3º ano do Centro Escolar de B. Para o efeito, será necessária a participação do(a) seu (sua) educando(a). Assim sendo, venho solicitar-lhe autorização para que o(a) seu (sua) filho(a) participe no referido estudo. Em caso afirmativo, peço o favor de preencher o destacável deste documento.

Saliento que todos os registos recolhidos serão confidenciais e utilizados exclusivamente como materiais de trabalho, estando garantida a confidencialidade e anonimato dos participantes. Manifesto, ainda, a minha inteira disponibilidade para prestar qualquer esclarecimento que considere necessário, através do meu telemóvel 9xx xxx xxx ou através da professora cooperante.

Na expectativa de uma resposta favorável, subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

A investigadora

(Estagiária Ana Barroso)

Autorização

Eu, _____, autorizo/ não autorizo (riscar o que não interessa) o meu educando _____ a participar no referido estudo.

(Assinatura do(s) Encarregado(s) de Educação)

ANEXO 2 – PEDIDO DA COLABORAÇÃO DOS PAIS NA 3ª ATIVIDADE

Caros Pais

Tal como é do vosso conhecimento encontro-me a recolher dados na sala na qual o vosso/vossa filho/a se encontra para posteriormente desenvolver o relatório final de mestrado. O objetivo deste estudo é compreender como os Pais podem ser parceiros da escola e salientar a importância da sua participação ativa na vida escolar do(s) filho(s).

Tenho vindo a trabalhar com o/a vosso/a filho/a, no entanto seria bastante importante para mim desenvolver uma atividade com a participação de toda a Família. Nesta medida, solicito a vossa participação na realização de um Brasão.

Deste modo, envio o material necessário para a elaboração da tarefa e também uma sugestão de modo a facilitar a sua execução. O/A vosso/vossa filho/a deverá trazer o brasão até dia 30 de janeiro, pois neste dia apresentá-lo-á à turma.

Manifesto a minha inteira disponibilidade para prestar qualquer esclarecimento que considere necessário, através do meu correio eletrónico: anacbmb@gmail.com ou através da professora cooperante.

Agradeço a participação e disponibilidade,

Ana Barroso

Sugestão

O papel no qual pretendo que o Brasão seja realizado será entregue ao seu educando, já com as medidas pretendidas. Neste caso gostaria de solicitar aos Pais que, em conjunto com as crianças, e recorrendo aos materiais que considerem oportunos, representem elementos alusivos à Família (por exemplo: união, amizade, etc). Este Brasão deve ser elaborado com a participação do seu educando pois, posteriormente irei explorar com o mesmo o que foi representado. Sugiro, também, que em Família façam uma pequena pesquisa sobre brasões para que seja mais fácil fazer o próprio Brasão.

ANEXO 3 – INQUÉRITO FEITO AOS PAIS

Inquérito

“Relações escola, família e comunidade”

No quadro de uma investigação feita no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, venho pedir o vosso contributo na realização do meu estudo com o preenchimento deste inquérito. A vossa participação é fundamental para a representatividade da amostra e para a solidez do estudo final.

Antecipadamente grata por toda a atenção.

Ana Barroso

1. A Família é originária de B. ?

Sim ☐
Não ☐

2. O que os levou a escolher o Centro Escolar de B. como estabelecimento de ensino do vosso educando?

3. Consideram que participam ativamente na vida escolar do vosso Filho/da vossa Filha?

Sempre ☐
Muitas vezes ☐
Poucas vezes ☐
Nunca ☐

4. Com que frequência contactam a Professora do vosso Filho/da vossa Filha?

Sempre ☐
Muitas vezes ☐
Poucas vezes ☐
Nunca ☐

5. Com que frequência ajudam o vosso Filho/vossa Filha nas tarefas da Escola?

Sempre ☐
Muitas vezes ☐
Poucas vezes ☐
Nunca ☐

6. Consideram importante a realização de atividades pedagógicas na Escola com o vosso Educando/a vossa Educanda?

Sim ☐
Não ☐

- 6.1. De que forma poderiam contribuir na realização de atividades pedagógicas na Escola com o vosso Educando/a vossa Educanda?

7. Costumam participar nas brincadeiras do vosso Filho/da vossa Filha?

Sempre ☐
Muitas vezes ☐
Poucas vezes ☐
Nunca ☐

8. Certificam-se, diariamente, se o vosso Filho/vossa Filha realiza devidamente os trabalhos de casa?

Sim ☐
Não ☐

- 8.1. Consideram que a atividade de correção do trabalho de casa é apenas da responsabilidade da Professora?

Sim ☐
Não ☐

Obrigada pela vossa colaboração! ☺

ANEXO 4 – INQUÉRITOS REALIZADOS ÀS CRIANÇAS

A criança na família

Vamos descobrir melhor a forma como te relacionas com a tua Família:

1. Indica o nome:

Mãe _____

Pai _____

Avó paterna _____

Avô paterno _____

Avó materna _____

Avô materno _____

2. Tens Irmãos?

Sim ☐

Não ☐

2.1. Quantos? _____

3. Os teus Pais costumam brincar contigo?

Sempre ☐

Muitas vezes ☐

Poucas vezes ☐

Nunca ☐

4. Os teus Pais ajudam-te nas tarefas da Escola?

Sempre ☐

Muitas vezes ☐

Poucas vezes ☐

Nunca ☐

5. Quando os teus Pais têm alguma atitude que consideras errada, tu fazes algum comentário?

Sempre ☐

Muitas vezes ☐

Poucas vezes ☐

Nunca ☐

6. Quando tu tens atitudes corretas, os teus Pais elogiam-te?

Sempre ☐

Muitas vezes ☐

Poucas vezes ☐

Nunca ☐

Obrigada pela tua colaboração! 😊

A criança na comunidade

1. Qual é a profissão:

Do teu Pai _____

Da tua Mãe _____

2. Quando fores adulto gostavas de ser como os teus Pais?

Sim

☐

Não

☐

Não sei

☐

3. Gostarias de ter mais estudos do que os teus Pais?

Sim

☐

Não

☐

Não sei

☐

4. Os teus Pais ocupam uma posição importante no local onde trabalham?

Sim

☐

Não

☐

Não sei

☐

5. Achas que os teus Pais tentam dar-te sempre o melhor?

Sim

☐

Não

☐

Não sei

☐

Obrigada pela tua colaboração! 😊

ANEXO 4 – VERSÃO DIGITAL (RELATÓRIO EM PDF, TODAS AS PLANIFICAÇÕES REALIZADAS NA PES I E II, REFLEXÕES SEMANAIS E MATERIAIS UTILIZADOS)